

Inventário, caracterização e estudo dos grafitos identificados nos moinhos de água do concelho de Lousada (Projeto *MUNHOS*)

Manuel Nunes* e Paulo Lemos**

RESUMO

No concelho de Lousada, são mais de duas centenas as moagens hidráulicas tradicionais identificadas ao longo dos cursos de água do território. Entre 2011 e 2016, ao abrigo do Projeto *MUNHOS*, todas elas foram objeto de inventário e caracterização, com particular incidência sobre as insculpturas gravadas que, frequentemente, se divisam nas suas paredes. O estudo desses grafitos, à escala concelhia, permitiu, pela primeira vez, a sua sistematização tipológica, através da definição de parâmetros de classificação e de métodos uniformes de inventário e seriação, que, doravante, poderão servir de base a estudos similares noutros contextos molinológicos.

ABSTRACT

In the county of Lousada, there are more than two hundred traditional hydraulic mills identified along the territorial waterways. Between 2011 and 2016, under the MUNHOS Project, all of them were the object of an inventory and characterization, with particular emphasis on the engraved inscriptions that are often visible on their walls. The study of these engravings, at a municipal scale, allowed its typological systematization for the first time, through the definition of classification parameters and uniform methods of inventory and classification, which, from now on, may serve as a basis for similar studies in other identical contexts.

PALAVRAS-CHAVE

Lousada, moinhos de água, grafitos, inventário.

KEYWORDS

Lousada, water mills, engravings, inventory.

* Arqueólogo. Projeto *MUNHOS*.

** Arqueólogo. Projeto *MUNHOS*.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do Projeto *MUNHOS*¹, cujo propósito consistiu no inventário exaustivo e sistemático de todas as moagens hidráulicas tradicionais existentes no concelho de Lousada (Nunes e Lemos, 2016, p. 242), os responsáveis pelo projeto subsidiaram consideravelmente o tema das insculpturas presentes nos moinhos de água deste território (moinhos de rodízio e azenhas), quer em capítulos de textos subordinados a inventários molinológicos propriamente ditos (Nunes e Lemos, 2013b; Nunes e Lemos, 2013c; Nunes e Lemos, 2013d; Nunes e Lemos, 2014b; Nunes e Lemos, 2015), quer em artigos dedicados exclusivamente a esta temática (Nunes e Lemos 2013a; Nunes e Lemos, 2014a).

Uns e outros lograram traçar, ainda que parcelarmente, porquanto centrados na microescala de cada curso de água ou até de algumas estruturas molinológicas em particular, um quadro tipológico assaz diverso, onde a multiplicidade de formas e tipologias de insculpturas identificadas, bem como os métodos e técnicas de gravação empregues, tornaram evidente a complexidade do quadro sociocultural e até histórico associado à sua produção. Deste modo, embora retomando neste artigo o âmbito do estudo dos grafitos presentes em moinhos de água do território de Lousada, procura-se concretizar, pela primeira vez, uma visão de conjunto acerca da realidade dos grafitos existente à escala concelhia.

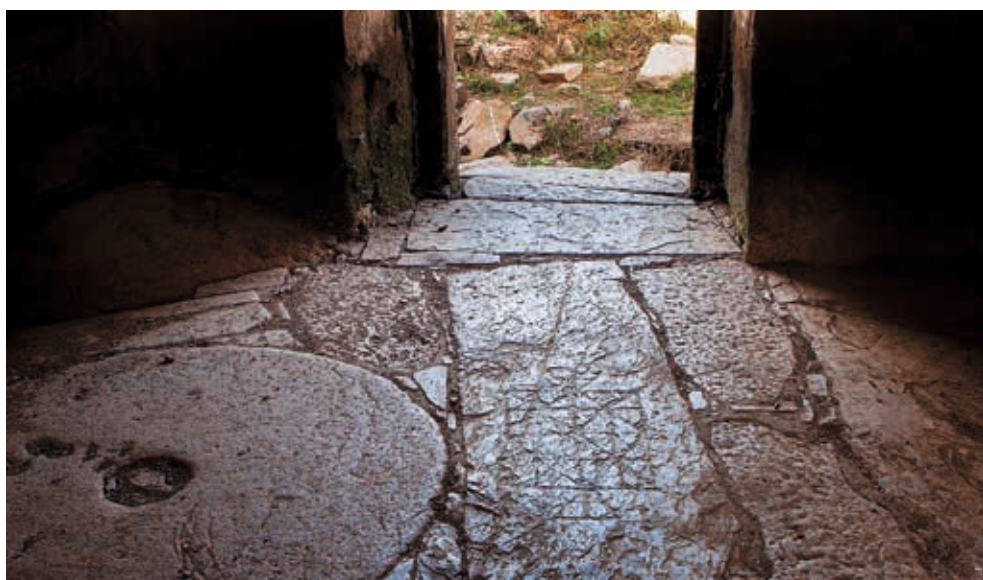


FIGURA 1. Fotografia do pavimento interior do Moinho da Brava, no rio Guadiana (Pedrógão, Vidigueira), hoje submerso pela Albufeira de Pedrógão, onde foi gravado o tabuleiro do jogo do alquerque dos 12 (Jorge Nunes).

¹ O Projeto *MUNHOS*, que decorreu entre 2011 e 2016, permitiu o inventário (localização, identificação e caracterização) de todas as estruturas tradicionais de moagem hidráulica de cereais (moinhos de rodízio e azenhas) existentes no concelho de Lousada. O inventário objetiva a criação de uma Carta Molinológica e a definição de um plano de gestão que permita determinar áreas de especial interesse molinológico, estabelecer faixas de proteção e definir normas para a salvaguarda e recuperação das estruturas arroladas, em particular no Domínio Público Hídrico.

Em concreto, para além de evidenciar os propósitos da investigação que nortearam este estudo, pretende-se apresentar, discutir e validar as metodologias utilizadas no decurso dos trabalhos de inventário dos grafitos molinológicos, autorizando, nomeadamente, a sua sistematização tipológica, através da definição de parâmetros de classificação e de métodos uniformes de inventário e seriação. Intenta-se, desta forma, não apenas incentivar a inclusão dos grafitos como linha de investigação dos estudos de molinologia, mas também, e sobretudo, assegurar o seu arrolamento para memória e estudos futuros, à semelhança do que foi acontecendo, por exemplo, com os tabuleiros de jogo gravados na pedra (Fernandes, 2013), tanto mais que se trata de uma herança aparentemente invisível aos olhos da maioria dos investigadores e, por isso, fortemente ameaçada pelo abandono e destruição das antigas moagens tradicionais, senão mesmo por projetos incoerentes de recuperação arquitetónica de muitos moinhos de água.

2. MOLEIROS E GRAFITOS

Sendo cada vez mais recorrentes os trabalhos sobre as moagens tradicionais, são surpreendentemente raros aqueles que se debruçam metodicamente sobre os motivos que tão frequentemente se encontram gravados nas suas paredes e mais escassos ainda aqueles que lhes dedicam mais que uma ou outra nota de curiosidade.

Em 1965, no âmbito do 1.º Simpósio Internacional de Molinologia, que teve lugar em Cascais, a Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos publicou, no subsequente livro de atas, um artigo no qual se apresentava uma ficha de registo padronizada com vista à concretização do Inventário Molinológico de Portugal Continental e Insular (Simões, 1977, pp. 143-152). A inclusão, nesta ficha, de um campo denominado “Anotações *in loco*”, que objetivava a anotação de aspetos etnográficos peculiares de cada estrutura, possibilitou, pela primeira vez, a oportunidade de incluir os grafitos em trabalhos de inventário desta natureza. Ainda assim, e apesar da escassez de projetos de investigação molinológica que incluam, nos seus descritores de inventário, o levantamento e caracterização dos grafitos (Guita, 1999, pp. 64-68; Araújo, Costa e Brochado, 2005, p. 166; Vilar, 2008, p. 234; Afonso e Mota, 2013, p. 96), são relativamente comuns os estudos que dão conta de casos inusitados detetados em certas estruturas de moagem, sejam eles inscrições particularmente monumentais ou de leitura difícil (Abrantes, 1988, pp. 47, 72; Ferreira, 2007, p. 71; Machado, 2007, pp. 103-104), datas memorativas (Viegas, Miranda e Lucas, 2000, p. 27; Gonçalves, 2009, p. 66), conjuntos extensos de simbologias apotropaicas (Botelho, 1997, pp. 90-91) ou, ainda, representações esquemáticas (Martins e Martins, 2008, pp. 206-208).

Apesar de muitas vezes desconsiderados, estes motivos, genericamente designados por grafitos – isto é, toda a representação gráfica tanto gravada, como incisa, estampada ou pintada (isolada ou em conjuntos), resultante da ação humana e que utiliza como suporte materiais pétreos, revestimentos (reboco, argamassa, cimento), elementos em madeira (portas, portadas, vigas, soalho), metálicos ou outros que integrem quer a estrutura de moagem, quer espaços e/ou estruturas anexas de funcionalidade similar ou complementar –, constituem um acervo rico do ponto vista etnográfico, cultural e até histórico. O seu estudo permite, em muitos casos, a vivificação da figura do moleiro e



FIGURA 2. Padieira com inscrição identificada no Moinho do Meio (LSD52).

geral, de condição humilde e sujeito a um trabalho árduo e ingrato, era forçado a pagar pesadas rendas ao proprietário fundiário, facto que o terá forçado a recorrer a formas adicionais, nem sempre lícitas, de lucro, nomeadamente através do roubo de cereal. É aqui que vamos encontrar as raízes económicas da má vontade contra os moleiros e da aparente aura de desonestidade com que estes homens foram rotulados, conforme foi abundantemente propagado pelos adágios populares: “Mudas de moleiro, mas não mudas de ladrão” (Magalhães, 2002, p. 41). Eram conhecidos diversos truques empregues pelos moleiros para suprimir a farinha devida aos clientes, muitos deles perdurando até à atualidade. As notas deixadas por Teresa Soeiro (2006, p. 12) a propósito dos moleiros que, no século XX, laboravam no rio Sousa (concelho de Penafiel) são disso exemplo: “Moleiro foi profissão sempre malvista porque os clientes consideravam que ele exagerava na maquia, situação que o próprio explicava pelas «avoças», o vento que entrando no moinho levava consigo a farinha. Outros processos havia para que ela, mesmo subtraída, correspondesse ao peso previsto, como humedecê-la com a água pulverizada que saltava das penas, ou juntar-lhe areia”. De resto, o hábito de juntar areia fina à

a aproximação ao quadro sócio-mental de uma profissão que, embora fundamental à estrutura social e económica local, uma vez que contribuía para o sustento alimentar de toda a comunidade, era frequentemente malvista e alvo de desconsideração social, situação que se manteve até ao século XX (Monteiro, 2001, p. 27; Soeiro, 2006, p. 12). Na opinião de Heinrich Jacob (2003, p. 208), o facto de o ofício do moleiro se encontrar envolto numa espécie de “mistério económico” concorre fortemente para este sentimento de desconfiança generalizado. A questão era simples: que fazia o moleiro, afinal, no interior do seu moinho? Na Idade Média, o moleiro que trabalhava no moinho ou na azenha, para além de viver fora do espaço urbano, razão pela qual era muitas vezes alvo de desprezo, tal como acontecia em relação, por exemplo, aos camponeses, era frequentemente locatário ou sublocatário, já que os senhorios de moinhos ou conjuntos de moinhos não tratavam da sua exploração direta, que competia aos lavradores e moleiros (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 90; Jacob, 2003, p. 208)². O moleiro, sendo, em

² Refira-se, a este propósito, que no concelho de Lousada apenas são conhecidos moinhos de propriedade privada a título individual (de “dono”) e moinhos de “consortes” ou de “herdeiros”. Os moinhos de propriedade privada a título individual podiam ser explorados pelo dono – diretamente, no caso de este ser moleiro, ou indiretamente, no caso de se tratar de moleiro assalariado – ou por arrendamento – mediante o pagamento, por parte do moleiro-rendeiro, de uma renda, que tanto podia ser fixa anualmente ou percentualmente calculada sobre as maquias pagas pela freguesia (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 491).



FIGURA 3. Farinha acumulada junto a uma das mós do Moinho do Meio (LSD52), último moinho em laboração no rio Sousa, no concelho de Lousada.

farinha era prática generalizada, como comprova o velho ditado medieval alemão: “Ao pé da azenha há sempre um monte de areia” (Jacob, 2003, p. 210). Numa altura em que a pobreza do regime alimentar tinha o pão como elemento estruturante da dieta humana, não surpreende que o epíteto de diabólico tenha passado a acompanhar a figura do moleiro, uma vez que este, responsável, aos olhos da comunidade, pela supressão de quantias indevidas de farinha da maquia³, encarnava o verdadeiro espírito do mal, retirando “o pão da boca” sem olhar a quem. Ao moleiro e à família nunca faltava o pão, muito embora a maioria dos moleiros tivesse outras atividades complementares, como praticar a pesca, recolher bivalves de água doce⁴, cultivar os campos arrendados juntamente com o moinho ou criar o gado miúdo (Silva e Silva, 1987, p. 347; Guita, 1999, pp. 42-44; Soeiro, 2006, p. 13).

Ao longo dos tempos, a própria literatura foi enfatizando este espírito demoníaco do moleiro, um “homem de maus costumes”, como acontece na novela *O Filho Natural*, que integrou a obra *Novelas do Minho*, nove histórias de Camilo Castelo Branco,

³ “A maquia é uma percentagem retirada do grão ou da farinha, calculada em função da quantidade de farinha produzida (...). Num certo sentido, a maquia era uma medida de capacidade definida, consistindo numa caixa de madeira com dimensões certas, levando a metade de meia quarta de alqueire, ou seja 1/16 de alqueire” (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 493). “Com o progressivo predomínio de conceitos quantitativos e valorização do trabalho na produção, e como maneira mais eficaz de impedir abusos e desonestidades por parte dos moleiros, no que se refere ao pagamento do seu trabalho, ele [o sistema de maquia como medida fixa] foi sendo substituído por outro em que o quinhão do moleiro, continuando a manter a designação de *maquia*, passou a ser calculado a peso, segundo percentagens fixas, obrigando os moleiros, a adquirem balanças” (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 495).

⁴ Até à década de 1970, altura em que a poluição levou à extinção local da espécie, era abundante no rio Sousa o mexilhão-de-rio-do-Norte (*Margaritifera margaritifera*), nomeadamente nos caneiros que, a partir da levada, conduziam a água para os rodízios do moinho. A sua captura e consumo pelos moleiros era, por isso, uma prática comum como complemento da dieta pobre em proteínas.

publicadas entre 1875 e 1877 (Botelho, 2009, pp. 103-107). Em razão disso, ou como consequência, o moleiro “exorcizava” o seu espaço de trabalho, gravando nele motivos que, aos seus olhos, funcionariam como medida protetora contra os maus-olhados, mas também preventiva, face à incerteza da sorte e aos insondáveis desígnios divinos. De resto, a superstição e a religião acompanharam a profissão de moleiro desde os seus primórdios. O domínio e o controlo do espírito livre da água, transformado em escravo com o fito de mover continuamente as rodas dos moinhos, determinavam, mais cedo ou mais tarde, a vingança deste elemento, quase sempre sob a forma de cheias repentinas e destruidoras. E de nada valia lançar pão ou farinha à correnteza para apaziguar os demónios ou os maus espíritos ofendidos (Araújo, Costa e Brochado, 2005, p. 166), conforme fora prática na antiguidade. O espírito pagão da água, torturado e domado, empertigar-se-ia a cada invernada mais clamorosa para despedaçar o moinho.

O medo do infortúnio, da perda do moinho e do modo de vida ditou, por isso, a necessidade profilática de aplacar a punição divina, purificando e cristianizando o moinho através da gravação de símbolos mágico-religiosos, nomeadamente cruciformes. Afinal, o moinho produzia a farinha para o pão e o pão era Cristo representado pela cruz. Recorrendo ao pico, ferramenta a que todo o moleiro tinha acesso pela necessidade recorrente de picar as mós, o moleiro gravava, nas paredes do seu moinho, toda a sorte de cruces e cruciformes, os “espanta-diabos” (Botelho, 1997, p. 90). Esta simbologia apotropaica estava profundamente ligada ao carácter sacro do pão (Araújo, 1997, p. 91), não apenas durante o consumo, mas também durante a fase de preparação, fosse na sementeira, altura em que era frequente fazer o sinal da cruz antes de lançar as sementes à terra, fosse no momento de o amassar e levedar, instante em que sobre ele e nele se fazia o sinal da cruz com a mão direita e se proferia a seguinte oração: S. Vicente te acrescente / S. Mamede te levede / S. João te faça bom pão / Pela graça de Deus e da Virgem Maria / Padre-Nosso, Ave-maria (Fonte, 1985, p. 98)⁵.

Mas o apotropismo não foi o único desígnio desta estirpe de gravadores. Datas memorativas, inscrições, siglas, elementos esquemáticos e geométricos, figuras antropomórficas e fitomórficas ou de carácter simbólico foram elementos gravados pelos moleiros nos umbrais, soleiras, lintéis, peitoris, paredes e até nas mós e cubos dos moinhos. Sobretudo, os moleiros gravaram cruces e variações do motivo cruciforme. Mais estilizadas ou mais toscas, de traços mais superficiais e mais profundos, são as cruces os sinais mais frequentes nos moinhos de água. E se muitos moinhos possuem apenas uma cruz gravada, outros estão cobertos de insculpturas de toda a sorte e, em alguns casos, até de símbolos de identificação próprios, adaptados distintivamente por cada um dos

⁵ Importa realçar que nem todas as cruces tinham como função sacralizar o espaço do moinho. Em alguns casos, os moinhos, porque edificados junto a linhas de água que, recorrentemente, serviam de limites de propriedade e de termo, foram utilizados como elementos físicos de delimitação de propriedade (marcos arquitetónicos), quer ostentando, nas paredes exteriores, cruces e outros motivos que os identificavam como tal, quer acolhendo pedras com gravações (inscrições, cruces, datas) que serviam o propósito de lindagem. Esta prática, comum durante séculos, foi registada, por exemplo, no *Auto de demarcação e divisaão da freguezia de Meinedo ordenado pelo rei D. Pedro por Alvará de 19 de Maio de 1705* ([S.a.], 1705), levado a cabo a 10 de setembro de 1709, onde se pode ler: “athe dar no moinho velho q. he do Capitão André Borges do Couto de Ronfe e iunto do d.º moinho pegado à quina delle estava outra pedra como a de sima comprida e furada q. diserão os mesmos informadores q. servia de marco e divizão e nesta mesma quina do moinho mandou elle d.º juis por outro marco com o mesmo Letreiro (...)”.



FIGURA 4. Cheia no rio Sousa (2012), junto ao núcleo de moinhos de Pias.



FIGURA 5. Cruz latina gravada na parede interior do Moinho do Falcão 2 (LSD174).

seus novos membros, por vezes ao longo de sucessivas gerações (Guita, 1999, pp. 67-68).

Se é um facto que muitos grafitos gravados nos moinhos resultaram de ações deliberadas dos seus inscultores, com vista a granjear a proteção divina, não é menos verdade que outros tantos surgiram por força de uma circunstância profissional: os moleiros tinham tempo. Com efeito, enquanto o cereal era moído, o moleiro dedicava-se, a miúdo, à tarefa de gravar as pedras. Como constatou Hugo Morango (2013, p. 49) para a região do vale do Côa, “a gravação de pedras por moleiros (...) é apontado como algo ligado ao lazer, algo possibilitado pela existência de tempo livre, em que procuravam exprimir os elementos ligados ao seu quotidiano”. De resto, algumas das entrevistas realizadas pelo autor provam isso mesmo: “Enquanto a pedra estava a moer, nós, como não tínhamos mais nada que fazer, ou dormíamos, conversávamos ou púnhamo-nos a fazer rabiscos (...)”.

3. CRITÉRIOS E MÉTODOS DE INVENTÁRIO

O inventário dos grafitos localizados nos moinhos de água do concelho de Lousada obedeceu a um conjunto de normas, estabelecido *a priori* como condição para a posterior validação científica dos dados obtidos.

Deste modo, foram definidos critérios de elegibilidade para as representações gráficas identificadas, tendo sido arrolados todos os grafitos, independentemente da forma, técnica de produção ou significação eventual, desde que fosse tida como determinável a sua relação cultural com a estrutura de moagem. Para esta validação foram considerados, especificamente:

1. O suporte material utilizado para a sua produção: foram considerados os grafitos presentes em materiais de construção (pedra, madeira, taipa, cimento, reboco, metal) utilizados na edificação do moinho e/ou das estruturas anexas utilizadas como apoio à atividade moageira, independentemente de se tratarem, ou não, de elementos materiais reaproveitados;
2. A sua localização relativa na estrutura: foram considerados os grafitos identificados em qualquer um dos componentes estruturais do moinho (parede, umbral, lintel, soleira, peitoril, soalho, mó, camba, portada, porta, cubo, levada, evacuação, açude), das construções/estruturas anexas de suporte à atividade moageira (muro de suporte, muro de divisória, calçada/piso exterior, casa de moleiro) ou de elementos geológicos naturais (afloramentos), desde que estruturalmente associados à moenda e com ela confinantes.

No que respeita à forma e técnica de produção dos grafitos, não tendo sido estabelecidos fatores de exclusão à partida, foram definidas categorias de sistematização tipológica, através da definição, tão detalhada quanto possível, de parâmetros de classificação:

1. Quanto à forma, e tendo em consideração a posterior sistematização dos resultados em função de grupos tipológicos, foram considerados grafitos do tipo cruciforme (cruz e variações da cruz ou dos motivos cruciformes), inscrição, esquemático, antropomórfico, fitomórfico e de significação indeterminada. Quando necessário, procedeu-se à subcategorização de cada uma das unidades classificativas;
2. Quanto às técnicas de execução, foram consideradas as representações produzidas com recurso à picotagem, incisão, estampagem e desenho/pintura.

Com vista à padronização do processo de registo, foram elaborados modelos bidimensionais de representação dos grafitos (através de simbologias e códigos alfanuméricos) e estabeleceram-se suportes normalizados de registo, através, designadamente, da conceção de uma ficha de inventário complementar à ficha de inventário geral definida para o Projeto *MUNHOS* (Nunes e Lemos, 2013b, pp. 116-117). Os grafitos foram numerados sequencialmente, de acordo com o número de inventário de cada moinho e a respetiva tipologia atribuída (ex.: LSD101_G1_C1)⁶.

Os descritores da ficha foram compartimentados em categorias, de modo a facilitar o seu preenchimento em campo e posterior tratamento em gabinete:

1. Número de grafitos;
2. Localização relativa (em relação à estrutura);
3. Localização absoluta (na estrutura);

⁶ A título de exemplo, veja-se o caso do moinho n.º 101 (Moinho de Ventoselas 1), onde foram identificados 20 grafitos pertencentes a 3 tipologias e a 8 subcategorias. A designação LSD101 corresponde ao moinho n.º 101 inventariado em Lousada, o código G1 identifica o n.º atribuído a um determinado grafito daquele moinho e o código C1 corresponde ao motivo a que foi associado o grafito, que, neste caso, corresponde ao grupo dos cruciformes do tipo 1 (cruz simples – grega ou latina).

4. Suporte material do painel;
5. Medidas do painel;
6. Medida do grafito (espessura, altura, largura e profundidade do traço, no caso de se tratar de um motivo gravado ou inciso);
7. Descrição;
8. Tipologia;
9. Contextualização crono-cultural;
10. Registo gráfico (fotografia e decalque);
11. Informações orais;
12. Observações.

No que respeita ao levantamento gráfico dos grafitos identificados no decurso dos trabalhos de campo, foram desenvolvidas formas complementares de registo:

1. Fotografia digital (fotografia de eixo horizontal, perpendicular às paredes com grafismos e, quase sempre, com auxílio de luz artificial rasante).
2. Decalque em filme plástico de polietileno de baixa gramagem, de modo a possibilitar uma maior precisão na captação das ínfimas variações dos traços.
3. Desenho dos alçados e/ou secções das estruturas, à escala 1/20, sempre que o número ou a disposição dos grafitos assim o determinou.

Em gabinete, os decalques dos grafitos e os desenhos dos alçados foram digitalizados em scanner de grandes formatos e vetorizados com recurso ao programa CorelDRAW X7.

4. NÚMERO, DISTRIBUIÇÃO E TIPIFICAÇÃO DOS GRAFITOS

Do total de 238 moinhos arrolados no Projeto *MUNHOS* (Nunes e Lemos, 2016, p. 244), 64 (26,89%) ostentam grafitos e, destes, a maioria (n = 42; 65,62%) localiza-se em apenas quatro cursos de água do concelho: rio Mezio (n = 17; 26,56%), rio Sousa (n = 12; 18,75%), rio de Porto (n = 7; 10,94%) e ribeiro de Barrosas (n = 6; 9,37%). Os restantes 22 moinhos com grafitos (34,38%) distribuem-se por outros nove cursos de água e águas particulares⁷.

⁷ Nesta matéria, importa notar que, exceção feita ao rio Sousa – rio vultuoso e de maior caudal (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 95) que acolhia unidades moageiras com um número considerável de mós, cuja produção se dirigia aos mercados e, portanto, laboravam sob a orientação de moleiros profissionais –, a esmagadora maioria dos moinhos era de pequena dimensão, de uma só roda, dispersa por linhas de água fortemente marcadas pela sazonalidade e manobrada por moleiros-lavradores, cuja prioridade era garantir o autoconsumo. Ainda assim, a utilização destas pequenas estruturas moageiras foi, em alguns casos, muito intensa, sobretudo quando as cheias impediam o uso dos moinhos situados nas margens dos cursos de água bacia. Nessa altura, não raras vezes, os moleiros do Sousa e do Mezio procediam ao “arrendamento” dos pequenos moinhos para manter os níveis de produção de farinha, situação que, em alguns casos, determinou, à laia de “apropriação espiritual”, a produção de novas insculpturas ou a reformulação de outras, conforme foi possível atestar reiteradamente no decurso dos trabalhos de campo.

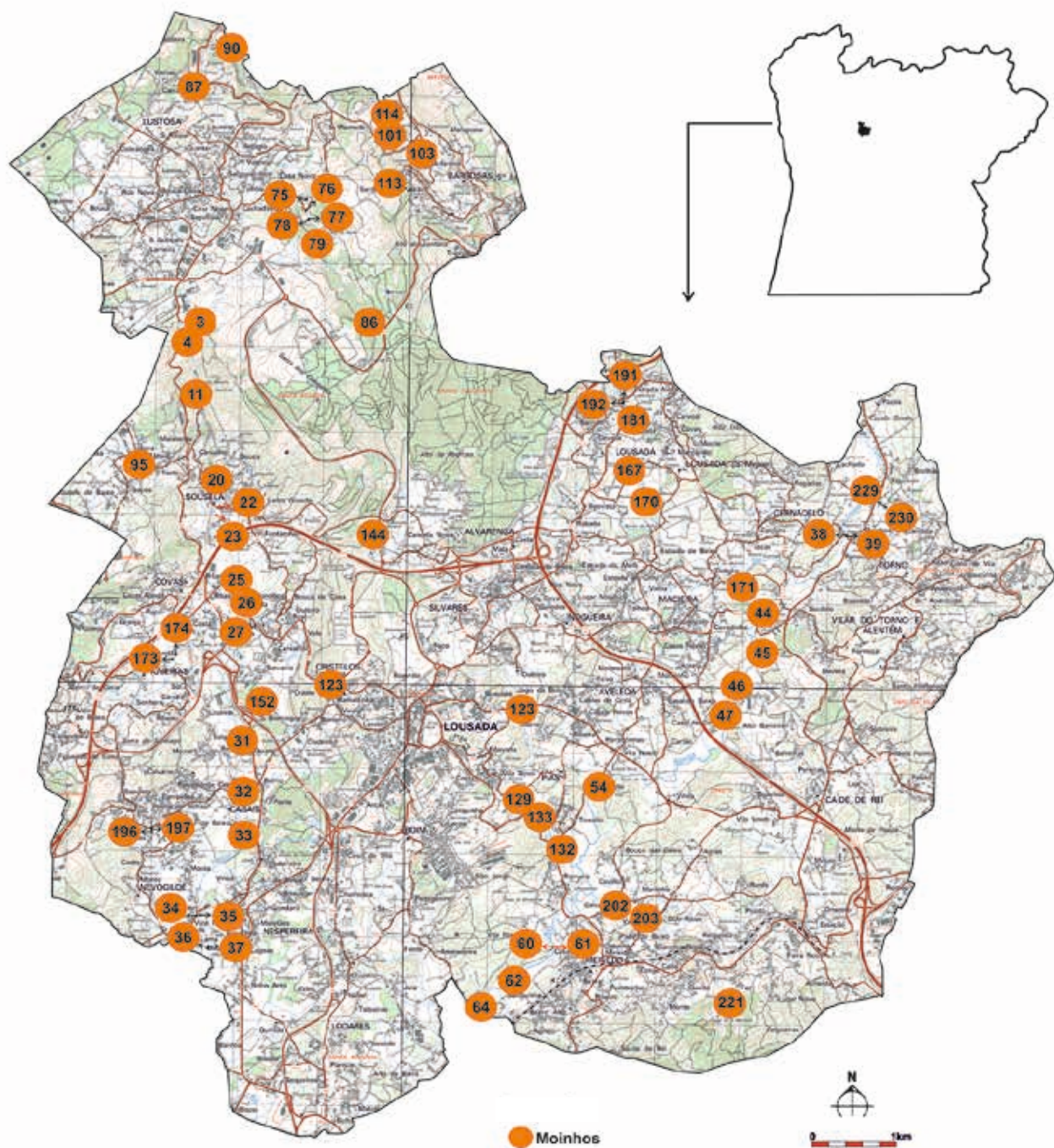


FIGURA 6. Distribuição dos moinhos com grafitos identificados no concelho de Lousada, tendo por base a Carta Militar de Portugal, folhas n.º 98, 99, 111 e 112 (IGeoE, 2012a, 2012b, 2012 c, 2012d).

Apesar do elevado número de grafitos identificados no decurso dos trabalhos de campo, a sua distribuição pelos moinhos é claramente desproporcional: 47 moagens (73,43%) ostentam entre um e quatro grafitos, num total de 98 registos (25,59%), enquanto as restantes 17 moagens (26,57%), que apresentam cinco ou mais grafitos por estrutura, concentram um total de 285 grafitos, o que corresponde a 74,41% do total de motivos arrolados. Este facto, ainda que sem justificação aparente que não a motivação individual de cada moleiro ou o predomínio temporal de uma estrutura moageira em relação às demais, explica-se, em parte, pelo excecional número de grafitos concentrados em alguns moinhos, casos designadamente do Moinho do Ribeiro (LSD25), com 28 grafitos, do Moinho do Bairro (LSD32), com 19 grafitos, do Moinho da Tapada (LSD33), com 31 grafitos, do Moinho da Devesa 1 (LSD36), com 87 grafitos, todos situados na bacia do rio Mezio, do Moinho de Ventoselas 1 (LSD101), com 20 grafitos, localizado na ribeira de Sá, e, finalmente, os moinhos da Casa de Porto 1 (LSD167) e da Magantinha (LSD170), ambos situados na margem direita do ribeiro de Barrosas e com um total de 18 e 15 grafitos arrolados, respetivamente.

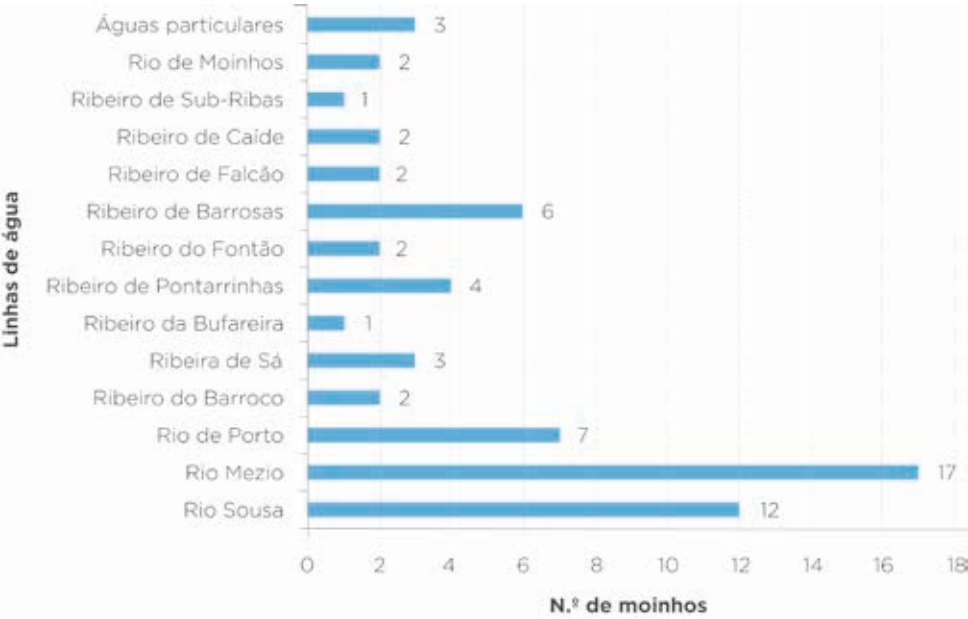


GRÁFICO 1. Distribuição dos moinhos com grafitos por curso de água.

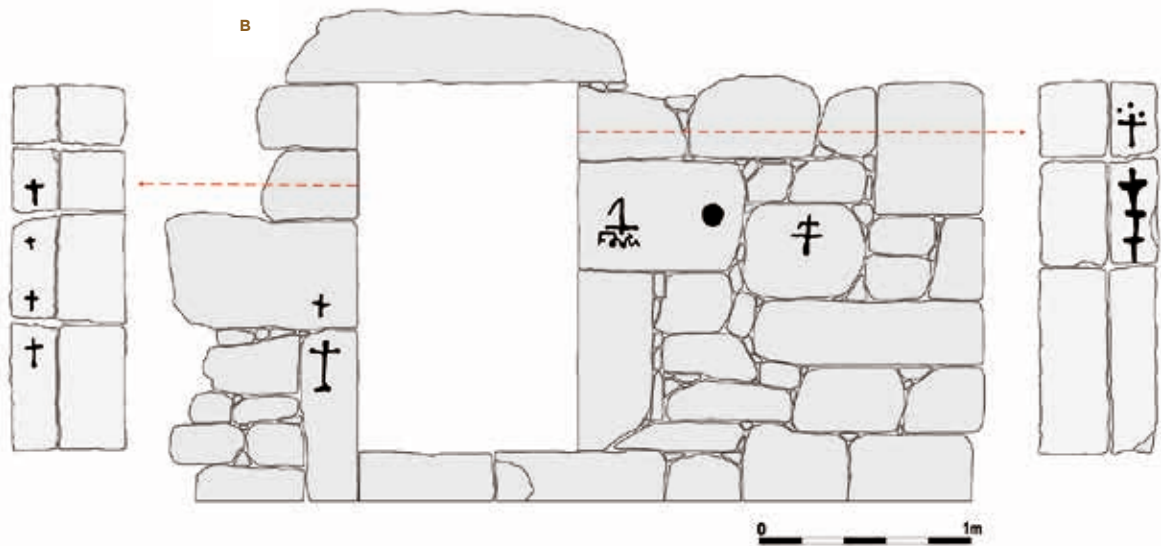
Intervalos de grafitos por moinho	< 5	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	≥ 30	Total
N.º de moinhos	47	10	1	2	1	1	2	64
% de moinhos	73,43%	15,63%	1,56%	3,13%	1,56%	1,56%	3,13%	100%
N.º de grafitos	98	67	15	37	20	28	118	383
% de grafitos	25,59%	17,49%	3,92%	9,66%	5,22%	7,31%	30,81%	100%

TABELA 1. Número de grafitos identificados nos moinhos arrolados e respetiva distribuição por intervalos de grandeza.

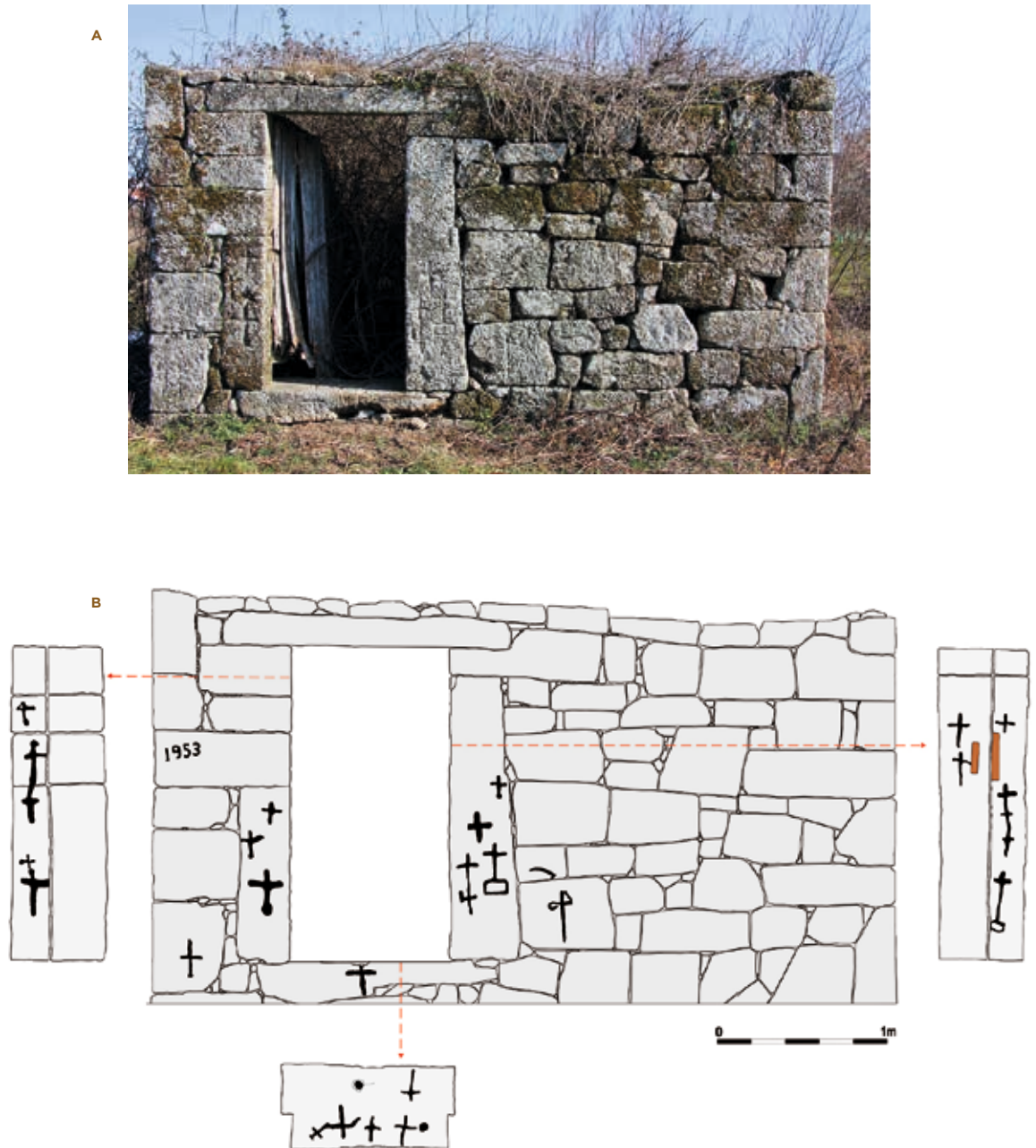
A



B



FIGURAS 7A e 7B. Fotografia e representação gráfica do alçado nascente do Moinho do Bairro (LSD32).

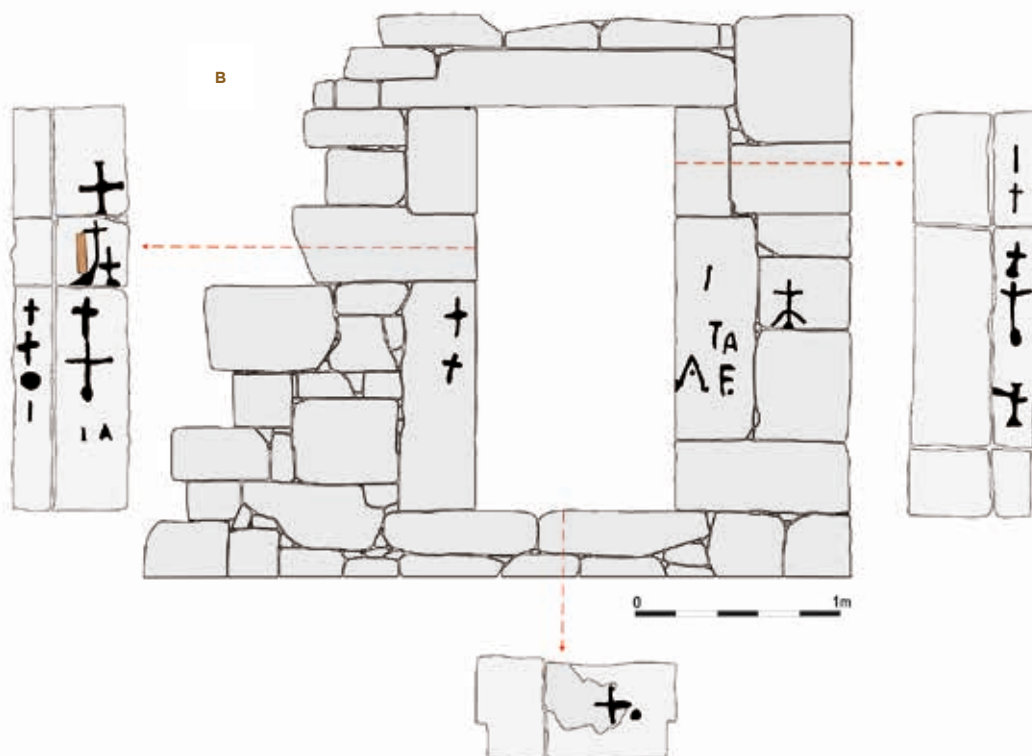


FIGURAS 8A e 8B. Fotografia e representação gráfica do alçado poente do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

A



B

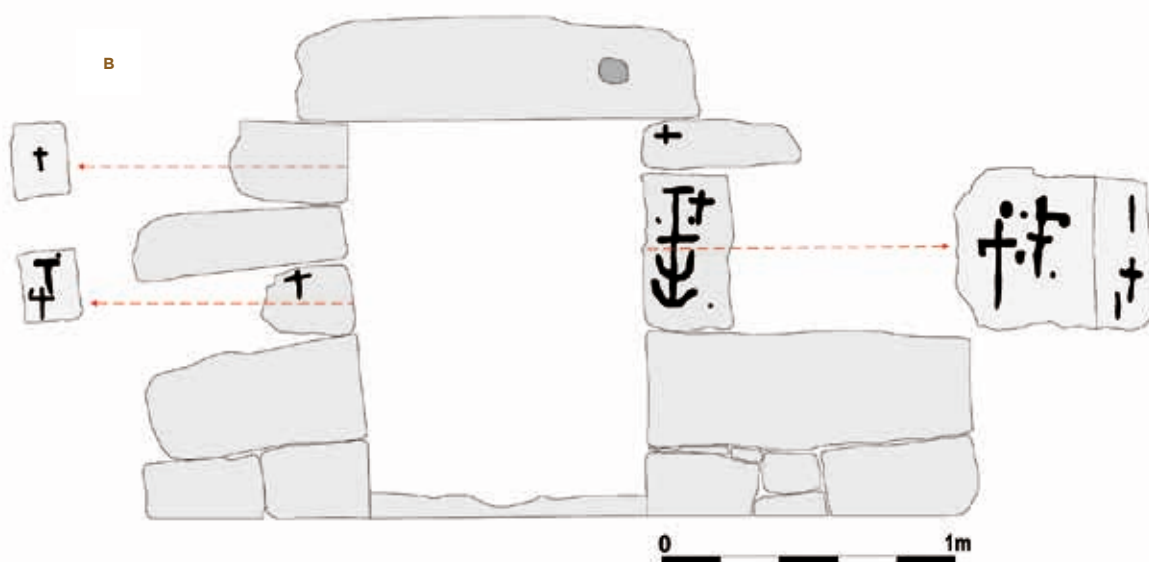


FIGURAS 9A e 9B. Fotografia e representação gráfica do alçado nascente do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

A



B

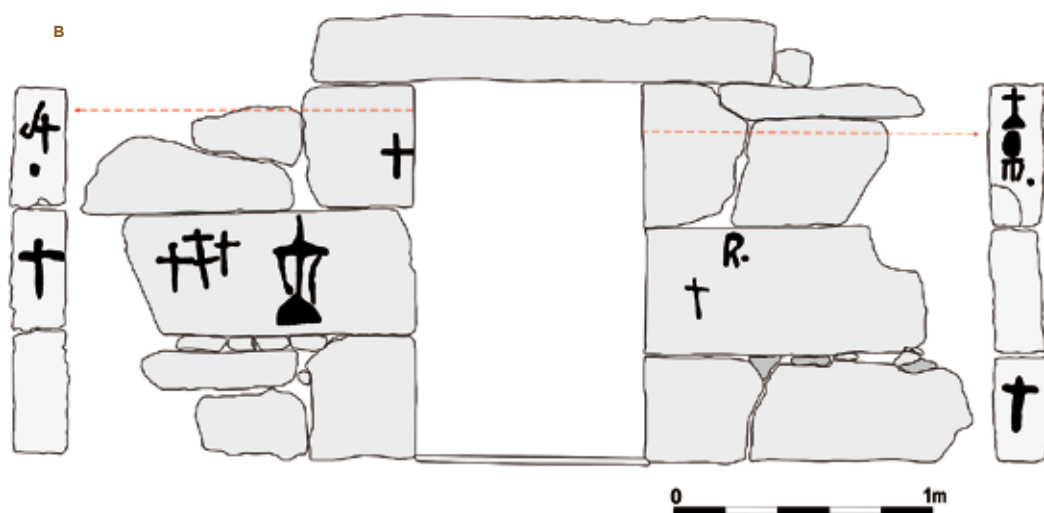


FIGURAS 10A e 10B. Fotografia e representação gráfica do alçado nascente do Moinho de Ventoselas 1 (LSD101).

A



B

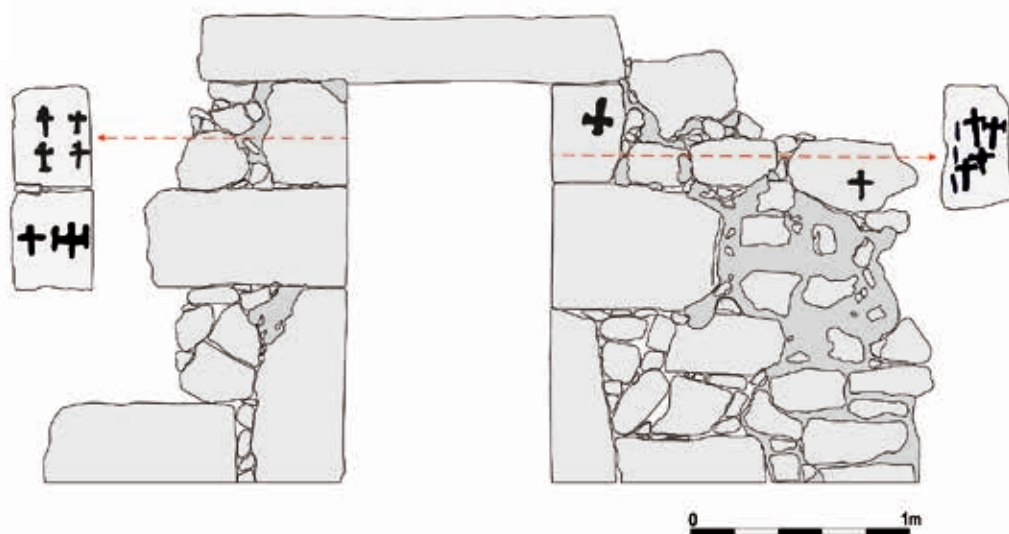


FIGURAS 11A e 11B. Fotografia e representação gráfica do alçado poente do Moinho da Casa de Rio de Porto 1 (LSD167).

A



B



FIGURAS 12A e 12B. Fotografia e representação gráfica do alçado nascente do Moinho da Magantinha (LSD170).



FIGURA 13. Pormenor de um pico, ainda em uso, destinado à picotagem das mós (Moinho do Meio, LSD52).

Tendo em conta o universo de estruturas de moagem hidráulicas inventariado ($n = 238$), este número aparentemente reduzido de moinhos com grafitos identificados tem diversas interpretações. Desde logo, o facto de 17% ($n = 40$) das moagens identificadas se encontrar em ruína ou destruída à data do seu inventário (Nunes e Lemos, 2016, p. 250); depois, o carácter “industrial” de alguns dos moinhos identificados, nomeadamente no rio Sousa, cujos moleiros, sendo rendeiros, não tinham qualquer ligação afetiva à estrutura moageira; depois, o facto de muitas moagens evidenciarem reconstruções e reformas sucessivas, cujas pedras, eventualmente gravadas, foram arrastadas pela corrente ou, quando reaproveitadas para a nova edificação, adquiriram localização e/ou função distinta da anterior, quedando-se ocultas; e, finalmente, o facto de alguns moinhos datarem de épocas mais recentes, traduzindo uma nova realidade económica e sócio-mental e, em consequência, uma atitude distinta dos moleiros em relação às superstições tradicionalmente associadas à utilização dos engenhos de moagem.

Todos os grafitos identificados em suportes litológicos (granito ou corneana) foram produzidos por picotagem, através de percussão indireta, recorrendo a um instrumento de metal, provavelmente o pico, embora a maioria dos moleiros tivesse acesso, igualmente, a picadeiras e picões, destinados a abrir diferentes tipos de rasgos nas mós. Aliás, a recolha de elementos orais na região do vale do Côa comprova o método utilizado pelos moleiros para a produção dos grafitos: “Primeiro pegavam numa pedra qualquer para servir de lápis, fazíamos o risco e depois picotávamos esse risco todo, para ficar gravado. Usávamos os picos de picar as mós (...)” (Morango, 2013, p. 50).

De resto, dos 383 grafitos identificados, a esmagadora maioria utiliza como suporte o granito ($n = 370$; 96,61%) e a corneana ($n = 8$; 2,09%), cabendo aos restantes materiais (madeira e cimento) apenas 1,3% ($n = 5$) das situações. Nos casos em que o suporte foi a madeira, as técnicas utilizadas foram a incisão e o desenho/pintura, enquanto no cimento a produção dos grafitos recorreu à estampagem e à incisão.

Embora tenham sido detetados grafitos em quase todos os espaços úteis dos moinhos, revelando uma certa heterogeneidade na hora de escolher o local de gravação, regista-se uma clara preferência pela zona da porta, nomeadamente os umbrais, as soleiras e o lintel. De resto, estes espaços agregam 71,03% da totalidade dos registos ($n = 272$), conferindo ao espaço da porta uma carga simbólica, claramente distinta dos demais espaços do moinho. Na verdade, a prática de sagração das portas e janelas com cruzeiros ou motivos cruciformes fundamenta-se na teologia da redenção, que encara a cruz como símbolo de “resgate”, isto é, pelo sacrifício de Cristo na cruz, resgatando o Homem ao pecado primevo, a cruz converte-se numa espécie de “anzol” que prende o demónio e o impede de prosseguir a sua obra (Chevalier e Gheerbrant, 2010, p. 247).

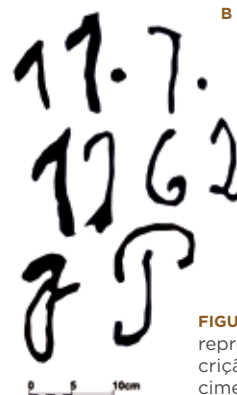


GRÁFICO 2. Distribuição dos grafitos por material de suporte existente nos moinhos.

A



B



FIGURAS 14A e 14B. Fotografia e representação gráfica da inscrição (data + texto) incisa no cimento da empena do Moinho da Gandra (LSD71).

A



B



FIGURAS 15A e 15B. Fotografia e representação gráfica do antropomorfo e cruz latina gravados na madeira da porta do Moinho da Casa de Cimo de Vila (LSD95).



FIGURA 16. Moinho de Ledesma (LSD103) com representação gráfica dos cruciformes gravados no umbral da porta, tendo em vista a sua sagração.

Aliás, a farinha é sinónimo de pão, e pão, de acordo com a tradição cristã, é Cristo. Portanto, o moinho que produz a farinha para o pão é, ele próprio, um espaço com uma função sacra. Tanto assim foi que a tradição oral, conservada pelos antigos moleiros do território de Lousada, relata, até à atualidade, diversas crenças relacionadas com a necessidade de manter fora deste espaço a figura do diabo. A gravação de cruzes nas portas e janelas era, segundo estes relatos, a forma mais eficaz de impedir o acesso do demónio ao moinho, mas não só. A segurança dos moinhos e a qualidade da farinha tinham uma relação direta com as aberturas exibidas pela estrutura, tanto portas como janelas. Aberturas a mais implicariam índices mais elevados de humidade e de luz e, por conseguinte, danos no cereal e/ou na farinha; aberturas a menos determinavam uma menor ventilação do moinho e, em consequência, a concentração de poeira de farinha no ar, o que, sabiam os moleiros, podia ditar a ocorrência de uma explosão súbita,

em consequência da elevada temperatura provocada pelo atrito das mós em rotação (Jacob, 2003, p. 200). Deste modo, sagrar portas e janelas não apenas obstava à entrada de entidades maléficas, como garantia, profilaticamente, a segurança da estrutura⁸.

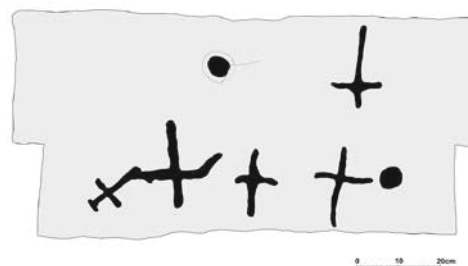
Nos restantes espaços dos moinhos a presença dos grafitos relevou-se mais esporádica, o que não impediu que, ainda assim, em certos locais mais inusitados, como nos pavimentos exteriores ($n = 32$; 8,35%), nos cubos ($n = 12$; 3,13%) e até nos muros de delimitação de algumas destas estruturas ($n = 20$; 5,22%) tivesse sido identificado um elevado número de grafismos, prova da versatilidade e criatividade destes moleiros.

Relativamente aos grafitos registados nas mós andadeiras, compostos exclusivamente por cruzes ou motivos cruciformes, trata-se, efetivamente, de uma evolução dos simples traços gravados perpendicularmente ao olho da mó, destinados a permitir o alinhamento do casal de mós com a segurelha e o veio, após a sua remoção, com vista à picagem (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983, p. 360). Estes grafitos, detetados apenas em oito situações (2,09%), devem, outrora, ter sido relativamente comuns nestas moagens hidráulicas, mas a paulatina destruição e desaparecimento das mós andadeiras de muitos moinhos, facilmente removíveis e reaproveitáveis para outras finalidades, nomeadamente decorativas, inviabiliza essa confirmação.

⁸ Durante o trabalho de campo, apenas foi identificada uma moagem com um grafito associado a uma janela/postigo (Moinho de Espindo 2, LSD64).



A



B

FIGURAS 17A e 17B. Fotografia e representação gráfica dos cruciformes gravados na soleira da porta poente do Moinho da Devesa 1 (LSD36).



A

B



FIGURAS 18A e 18B. Fotografia e representação gráfica dos cruciformes gravados na soleira da porta do Moinho da Tapada (LSD33).



FIGURA 19. Fotografia e representação gráfica do antropomorfo gravado na padieira do Moinho de Eira Vedra (LSD23).

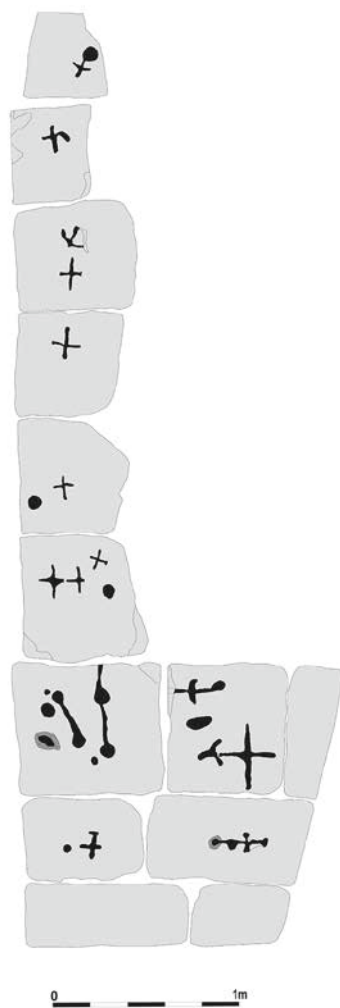


FIGURA 20. Cruciformes tipo C6 identificados no pavimento exterior do Moinho do Bairro (LSD32).

A



B

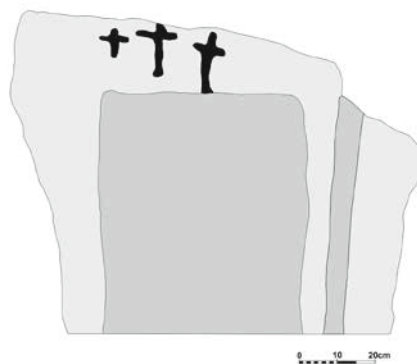


FIGURAS 21A e 21B. Fotografia e representação gráfica do notável conjunto de grafitos identificado no pavimento exterior do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

A



B



FIGURAS 22A e 22B. Fotografia e representação gráfica da boca do cubo do Moinho do Ribeiro (LSD25), onde é perceptível a presença de três cruciformes tipo C1.

A



B



FIGURAS 23A e 23B. Fotografia e representação gráfica do muro de delimitação do Moinho da Tapada (LSD33), onde foi gravado um conjunto diverso de grafitos.

No que respeita às formas dos grafitos identificados, e tendo por base quer a tipificação proposta na ficha de campo, quer os resultados do levantamento efetuado durante o trabalho de campo, foi possível definir seis grupos tipológicos de motivos, que, no caso dos cruciformes, das inscrições e dos esquemáticos, foram subcategorizados. Assim, para além dos cruciformes, isto é, cruzeiros, variações da cruz e motivos cruciformes, largamente preponderantes neste registo, foram identificados grafitos do tipo inscrição, fitomorfo, antropomorfo, esquemático e, quando de interpretação dúbia, indeterminado.

Sendo o rol de grafitos do tipo cruciforme deveras extenso e diverso (foram fotografados, desenhados e descritos 260 cruciformes, correspondendo a 67,88% do total de grafitos), revelou-se necessário estabelecer subcategorias que permitissem detalhar características e definir variações de carácter estético, técnico ou estrutural. Assim, após a análise dos registos com motivos de cruzeiros e cruciformes, estabeleceram-se 12 tipologias de cruciformes: C1 a C12. Tendo por base elementos formais comuns a cada grupo de cruciformes (forma dos braços ou da base, disposição, composição, organização e orientação dos motivos cruciformes), estabeleceram-se significativas diversidades de formas, tamanhos e composições, revelando a habilidade de alguns moleiros, mas sobretudo a necessidade recorrente e renovada de apropriação, pelo sagrado, de muitos dos espaços de vivência do moinho. Esta tipificação permitiu, por exemplo, constatar a frequência relativa de certos tipos de cruciformes, determinar o grau de heterogeneidade dos conjuntos identificados ou avaliar a complexidade dos grupos de cruciformes estudados em cada moinho.

A análise da distribuição dos cruciformes pelas diferentes tipologias permitiu constatar a prevalência de alguns tipos de cruciformes sobre os demais. O tipo C1, isto é, a cruz simples (grega e latina), é claramente preponderante no registo gráfico ($n = 149$; 57,31%), facto que tanto se poderá dever a razões de ordem cultural (a utilização da cruz grega, mas sobretudo latina, enquanto elementos basilares da simbologia cristã, materializa, aos olhos da supersticiosa comunidade moleira, a elementar sacralização de um espaço), como a motivações de carácter técnico (a execução destas cruzeiros é relativamente simples e implica pouca destreza ou acuidade estética, podendo ser produzida com leitura imediata, sobre qualquer suporte material disponível no moinho).

Igualmente relevantes no contexto global dos cruciformes, os tipos C2 (cruciforme de braços invertidos), C3 (cruciforme de base subtriangular)⁹, C4 (cruciforme de base subcircular) e C5 (cruciforme de base subretangular) congregam 81 registos, o que corresponde a 31,15% do total de motivos cruciformes identificados. Sendo menos numerosos que a tipologia C1, são, porém, um grupo particularmente diverso do ponto de

⁹ Segundo Caninas, *et al.* (2012, p. 316), as figuras cruciformes de base triangular são, usualmente, designadas como cruzeiros, por analogia com uma cruz de pedra, embora não tendo, decerto, o mesmo significado daquelas construções. Na verdade, segundo estes autores, este símbolo é interpretado como marca de cariz religioso, de cristianização, de afirmação de adesão ao cristianismo ou de proteção (função apotropaica, contra entidades maléficas), em contextos históricos. Ocorre profusamente no território continental, em aglomerados urbanos, em construções isoladas ou em afloramentos rochosos. A presença destas figuras em ombreiras de portas de casas é muito comum, sendo atribuída a um tempo situado entre os séculos XVI e XVIII. A sua presença em estruturas moageiras, sejam moinhos de vento ou moinhos de água, pode, portanto, ter as mesmas significações apontadas para os contextos urbanos.

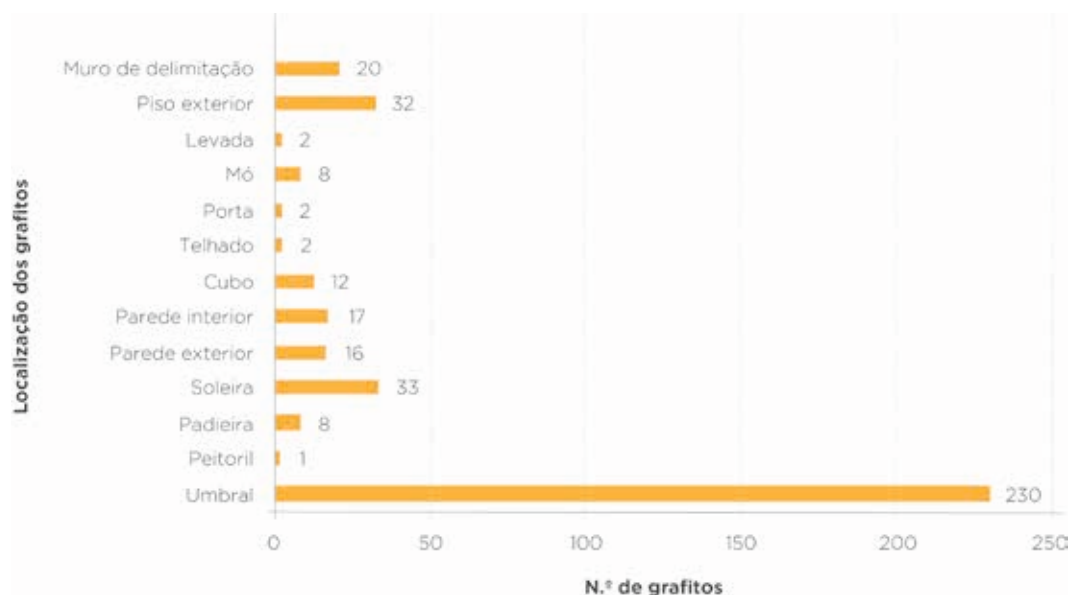


GRÁFICO 3. Distribuição dos grafitos pelos espaços dos moinhos.



FIGURA 24. Casal de mós do Moinho da Tapada (LSD33), onde é perceptível a gravação, na mó andadeira, de um sulco perpendicular ao olho da mó, destinado a alinhar o casal de mós com a segurelha e o veio, após a sua picagem.



FIGURA 25. Pormenor do cruciforme tipo C1 gravado na mó andadeira do Moinho da Quinta d'Azenha (LSD46), claramente uma evolução estilística do simples traço (ou sulco) destinado ao alinhamento da mó com a segurelha, após a sua picagem.




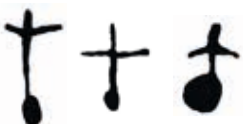








Tipologias		Motivos	Caracterização
Tipo C1	Cruz simples (grega e latina)		Cruz ou cruciforme simples (grego ou latino), de braços retos, rematados em forma subcircular. O pé e o topo rematam em forma reta ou subcircular. Subsistem formas intermédias, onde se regista o estreitamento ou alargamento dos braços e/ou do pé, conferindo-lhes forma cônica.
			Cruciforme de braços invertidos, com ambos os braços (retos ou curvilíneos) orientados para cima, para baixo, com orientação distinta ou apenas um dos braços a apresentar uma orientação divergente em relação ao eixo do cruciforme. O pé e o topo rematam de forma reta ou subcircular, enquanto os braços rematam de forma subcircular.
Tipo C3	Cruciforme de base subtriangular		Cruz ou cruciforme latino, de base subtriangular, simples ou composta, com pé alto reto, por vezes dividido em segmentos laterais inclinados. Os braços apresentam-se perpendiculares ao eixo do cruciforme. O topo remata de forma subcircular, subtriangular ou reta. Os braços rematam de forma subcircular ou reta.
			Cruz ou cruciforme latino, com o pé assente em base subcircular por vezes truncada ou espiralada. Os braços apresentam-se perpendiculares ou invertidos em relação ao eixo do cruciforme, rematando em forma subcircular ou reta. O topo remata em forma subcircular ou subtriangular.
Tipo C5	Cruciforme de base subretangular		Cruciforme latino, por vezes decorado, com o pé assente em base subretangular, centrada ou não com o eixo do cruciforme. Em alguns casos, a base evidencia decoração lateral, rematada de forma subtriangular. Os braços apresentam-se perpendiculares ou invertidos, rematando de forma subcircular, reta ou subtriangular. O topo remata em forma subcircular ou subtriangular.
			Cruciforme constituído por elementos independentes (linhas retas, linhas serpentiniformes, formas circulares ou subcirculars), que podem ou não estar associados a uma cruz de raiz latina. Em alguns casos, o cruciforme apresenta um eixo central simples e retilíneo, serpentiniforme ou com o topo e o pé a rematar de forma semicircular.
Tipo C7	Cruciforme compósito		Cruciforme formado pela sobreposição de cruzes ou cruciformes de raiz latina, mantendo em comum o mesmo eixo central. O topo e o pé rematam de forma subcircular ou reta. Os braços apresentam-se perpendiculares ao eixo ou invertidos, rematando de forma subcircular.
			Cruciforme de raiz latina ou tipo caravaca, decorado, com base em forma semicircular, dividida em dois quadrantes por um eixo vertical. O topo remata de forma subcircular e os braços superiores, que se encontram perpendiculares ao eixo do cruciforme, apresentam forma curvilínea invertida (ambos orientados para cima ou para baixo). Os braços inferiores, quando existem, são retos.
Tipo C9	Cruciforme invertido		Cruciforme invertido de raiz latina (tipo cruz de São Pedro) ou grega (tipo cruz gnóstica). O pé e os braços rematam em forma subcircular ou subtriangular. O topo apresenta-se decorado, rematando com um prolongamento diagonal ou com um elemento subcircular.
			Cruciforme tipo caravaca. Os braços inferiores apresentam-se retos e perpendiculares ao eixo do cruciforme, rematando de forma subcircular. Os braços superiores, que rematam também em forma subcircular, apresentam-se perpendiculares ao eixo do cruciforme, podendo as extremidades apresentar-se total ou parcialmente invertidas. O topo remata de forma subcircular e o pé ostenta forma subcircular.
Tipo C11	Cruciforme tipo Tau		Cruciforme de base latina, sem, no entanto, evidenciar o prolongamento superior do eixo, uma vez que os braços constituem o remate do topo. O remate pode ser reto, curvilíneo e/ou invertido. A extremidade dos braços, por sua vez, pode ser subcircular e/ou reta.
			Cruciforme de base latina, ao qual se associam elementos que simbolizam a âncora. O eixo, que na extremidade inferior apresenta braços curvos simples ou duplos, com remate pontiagudo ou não, na extremidade superior apresenta um remate com linha horizontal simples e/ou arganêu incorporado. Ao centro, o eixo apresenta, por vezes, uma linha perpendicular, reminiscência dos braços da cruz latina.

TABELA 3. Tipologias de cruciformes identificadas nos moinhos de água do concelho de Lousada.



FIGURA 26. Os cruciformes tipo C1 são os grafitos mais frequentes nos moinhos de água do concelho de Lousada (cruciforme tipo C1 gravado na ombreira do Moinho da Quinta de Sousa, LSD230).

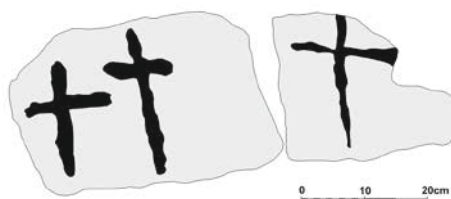


FIGURA 27. Representação gráfica de um conjunto de cruciformes tipo C1 identificado no umbral do Moinho de Porto (LSD78).

vista estrutural. Variando a forma da base, a estrutura ou a orientação dos braços, estes motivos constituem, na maioria dos casos, evoluções e/ou adaptações da cruz latina simples. Uma vez esse ajuste da estrutura base da cruz deveu-se à necessidade de adaptação ao espaço disponível no painel, nomeadamente quando se verificava a presença de motivos preexistentes, noutras decorre apenas da criatividade, liberdade artística ou memória visual do autor que as reproduziu, tendo em conta um quadro cultural que não é possível de perceber através da mera análise formal dos grafismos.

No que respeita aos restantes motivos cruciformes (C6 a C12), para além de ocorrerem em muito menor número que os motivos anteriores ($n = 31$; 11,92%), apresentam como característica distintiva o facto de surgirem, na esmagadora maioria das situações (92,31%), associados a outros motivos, cruciformes ou não. Na verdade, dos 13 moinhos com insculpturas do tipo C6 a C12, apenas numa situação, no caso do Moinho da Quinta da Veiga (LSD229), foi registada a presença de um grafito tipo C12 isolado. Relativamente a estas tipologias, será, ainda, de salientar a definição de tipos que enquadram formas de cruces/cruciformes com nomenclaturas já definidas, por força da sua tipificação, em contextos de natureza religiosa. São os casos dos cruciformes que remetem para a Cruz de São Pedro (C9), para a Cruz de Caravaca (C10), para a Cruz de Tau (C11) e, ainda, para a Cruz Âncora (C12).

Relativamente à tipologia de cruciforme definida como C9, trata-se da Cruz de São Pedro, uma cruz latina invertida, lembrando a vontade do Apóstolo em não aceitar, por respeito, o mesmo martírio que o seu Senhor (Feuillet, 2005, p. 49).

O cruciforme tipo C10 corresponde à designada Cruz de Caravaca, uma das denominadas cruces patriarcais, também denominada de Cruz de Lorena, mas que, na realidade, provém da Grécia, onde se encontra com mais frequência desde, pelo menos, o século XI (Feuillet, 2005, p. 49; Chevalier e Gheerbrant, 2010, pp. 246, 248). Embora tenha como raiz uma cruz latina, distingue-se desta e das demais variantes pelo facto de possuir um braço menor acima do maior, com ambos mais próximos do topo do que da base.



FIGURA 28. Representação gráfica de um cruciforme tipo C2 identificado na parede externa do Moinho da Devesa 1 (LSD36).



FIGURAS 29A e 29B. Fotografia e representação gráfica de um cruciforme tipo C3 (cruzeiro) identificado no Moinho de Vagens 1 (LSD203).



FIGURA 30. Representação gráfica de um cruciforme tipo C4 identificado no Moinho do Passal (LSD22).



FIGURA 31. Cruciforme tipo C5 identificado na mó andadeira do Moinho da Chã (LSD86).

A tipologia C11 diz respeito a um cruciforme que se forma a partir da convergência de uma linha vertical com outra horizontal, que lhe serve de remate superior, lembrando um T, precisamente a 19.^a letra do alfabeto grego (Ταυ), que lhe confere a designação atual. Incorporada, desde a Antiguidade, na iconografia cristã, como símbolo do suplício de Cristo¹⁰, pela associação ao crucifixo, a cruz de Tau foi adotada por Santo Antônio, o Grande, e por São Francisco d'Assis como emblemas privilegiados (Marucchi, Cabrol e Thurston, 1913, p. 521; Feuillet, 2005, p. 135).

Relativamente à tipologia C12, trata-se de um cruciforme elaborado, que tem por base uma cruz latina, à qual se associam, geralmente, dois elementos: os braços curvos, geralmente pontiagudos, situados na extremidade inferior da haste, e o arganêu circular, por vezes substituído por um remate reto horizontal, localizado na extremidade superior. Embora a sua utilização remonte ao cristianismo primitivo (séculos I e II d.C.), onde era comum em contextos sepulcrais, personificando a esperança, foi a sua

¹⁰ Deus disse-lhe: “Vai pela cidade e, atravessa a Jerusalém e marca um tau na fronte dos homens que gemem (...)” (Bíblia, Ezequiel. 9:4). O *tau* é a última letra do alfabeto hebraico e tinha, no hebraico antigo, a forma de uma cruz oblíqua.

Grupos Tipológicos	Subtipologias	N.º de Grafitos	Frequência absoluta		
Cruciforme	C1	149	260	38,90%	67,88%
	C2	17		4,44%	
	C3	25		6,54%	
	C4	21		5,48%	
	C5	18		4,70%	
	C6	6		1,57%	
	C7	8		2,09%	
	C8	3		0,78%	
	C9	4		1,04%	
	C10	4		1,04%	
	C11	3		0,78%	
	C12	2		0,52%	
Inscrição	Data	16	36	4,18%	9,39%
	Número	3		0,78%	
	Sigla	13		3,39%	
	Texto	2		0,52%	
	Texto + data	2		0,52%	
Esquemático	Círculo	45	66	11,76%	17,24%
	Covinha	8		2,09%	
	Linha	8		2,09%	
	Halteriforme	3		0,78%	
	Objeto	2		0,52%	
Fitomorfo		1	21	0,26%	5,49%
Antropomorfo		5		1,31%	
Indeterminado		15		3,92%	
Total		383	383	100%	100%

TABELA 4. Número e frequência absoluta das tipologias e subtipologias de grafitos identificados nos moinhos.

associação à hagiografia, nomeadamente ao martírio de São Clemente, Bispo de Roma, que, de acordo com a tradição, foi amarrado a uma âncora e lançado ao mar por ordem do imperador Trajano, que difundiu a simbologia desta cruz no Ocidente (Marucchi, Cabrol e Thurston, 1913, p. 521; Feuillet, 2005, p. 13; Chevalier e Gheerbrant, 2010, pp. 64-65).

Quanto aos motivos não cruciformes, igualmente relevantes, em termos percentuais, no contexto geral do inventário, foi possível identificar 123 grafitos, o que corresponde a 32,12% dos registos. Neste caso, destacam-se, em termos quantitativos, os motivos esquemáticos, as inscrições e os indeterminados. No sentido oposto, salientam-se, pela escassez, os antropomorfos (n = 5; 1,31%) – com especial destaque para as produções gráficas do Moinho de Eira Vedra (LSD22), do Moinho da Casa de Porto 1 (LSD167) e sobretudo do Moinho da Casa de Cimo de Vila (LSD95), pelo facto de apresentarem um antropomorfo gravado sobre madeira – e os motivos vegetalistas, ou fitomorfos, com um único registo correspondente a uma inscultura identificada no Moinho do Ribeiro



FIGURA 32. Representação gráfica de um cruciforme tipo C6 identificado no Moinho da Ponte 2 (LSD35).

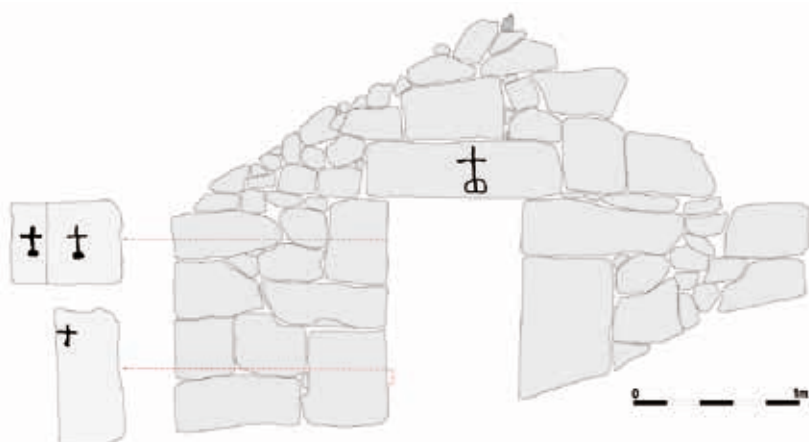


FIGURA 33. Representação gráfica de um cruciforme tipo C7 identificado no Moinho da Casa de Porto 1 (LSD167).



A

B



FIGURAS 34A e 34B. Fotografia da porta e representação gráfica do alçado do Moinho de Talhos (LSD76), onde é perceptível um cruciforme tipo C8 na padieira, para além de cruciformes tipo C3 e C5 no umbral.

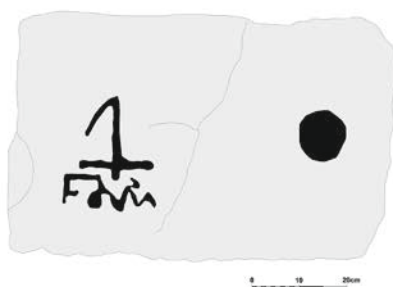


FIGURA 35. Representação gráfica de um cruciforme tipo C9 identificado na parede externa do Moinho do Bairro (LSD32).

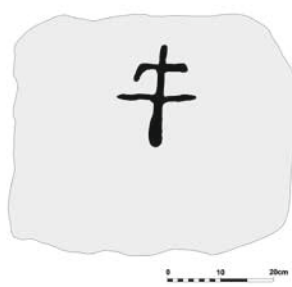


FIGURA 36. Representação gráfica de um cruciforme tipo C10 identificado na parede externa do Moinho do Bairro (LSD32).



FIGURA 37. Representação gráfica de um cruciforme tipo C11 identificado no Moinho de Ventoselas 1 (LSD101).



FIGURAS 38A e 38B. Fotografia e representação gráfica de um cruciforme tipo C12 identificado no interior do Moinho da Quinta da Veiga (LSD229).



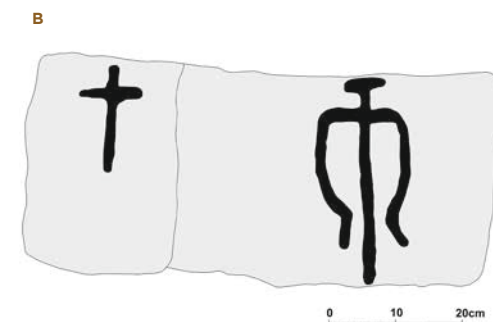
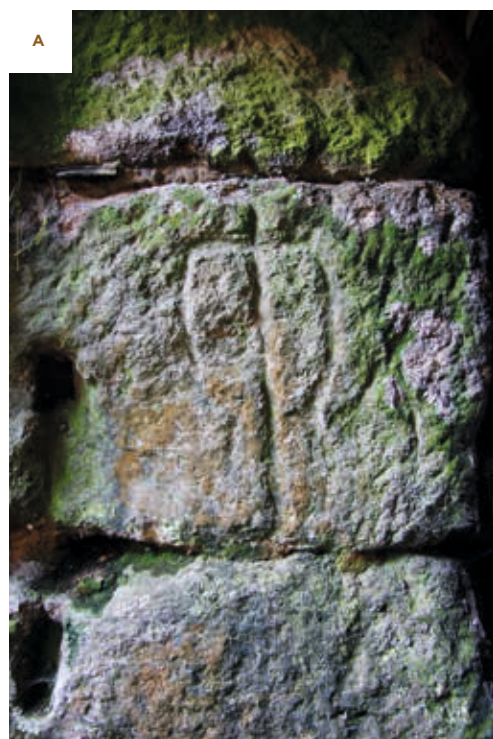
FIGURA 39. Representação gráfica de um fitomorfo (*Campanula lusitanica*), com data, identificado na parede exterior do Moinho do Ribeiro (LSD25).

(LSD25). Trata-se, possivelmente, de uma campânula (*Campanula lusitanica*), popularmente conhecida como campainha, uma planta nativa, cuja ocorrência se encontra registada no concelho de Lousada, sendo bastante comum em prados e pastagens anuais, clareiras de matos xerófilos (estevais), incultos e rochedos.

Tal como no caso dos motivos tipo cruciforme, também nos registos conotados com motivos tipo inscrição e esquemático se revelou necessário, pela abundância e diversidade de elementos, refinar os critérios de análise e estabelecer subcategorias. Não resultando clara a intenção associada à produção de grafitos tão diversos, decerto que a heterogeneidade registada nestes dois motivos, à semelhança do que acontece com os cruciformes, espelhará a criatividade, o contexto sociocultural individual e, naturalmente, o imaginário coletivo da época em que foram produzidos.

Para o motivo tipo inscrição, a presença de datas ($n = 16$; 4,18%) e de siglas ($n = 13$; 3,39%) é predominante em relação às subcategorias número, texto e texto + data. No caso das siglas, tanto cursivas como capitulares, correspondem, maioritariamente, a abreviaturas de nomes (AF, AJ LA, MF, MPAM, entre outros) e constituem fórmulas de posse ou de presença nos moinhos (Canina, *et al.*, 2012, p. 323).

As datas, por seu lado, revelam-se de particular importância no processo de contextualização cronocultural destas estruturas, permitindo, em alguns casos, um vislumbre quer dos processos de abandono e ruína, quer das fases de edificação/reedifica-



FIGURAS 40A e 40B. Fotografia e representação gráfica de um antropomorfo identificado no umbral do Moinho do Barroco 1 (LSD113).

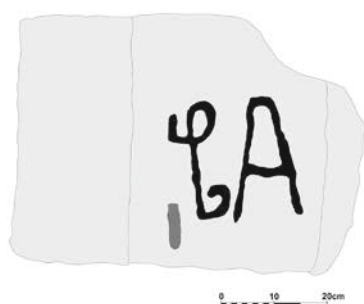


FIGURA 41. Representação gráfica de siglas identificadas no umbral do Moinho do Bairro (LSD32).

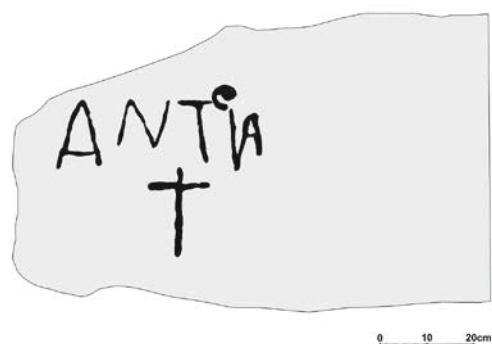


FIGURA 42. Representação gráfica de um conjunto de siglas, cruciforme tipo C3 e motivo esquemático (linha) identificados no umbral do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

A



B



FIGURAS 43A e 43B. Fotografia e representação gráfica de uma inscrição (texto) identificada na parede exterior do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

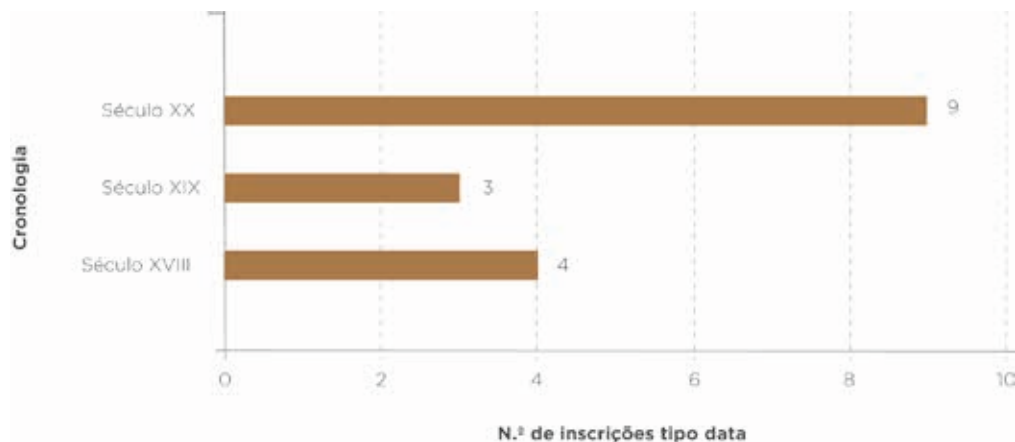
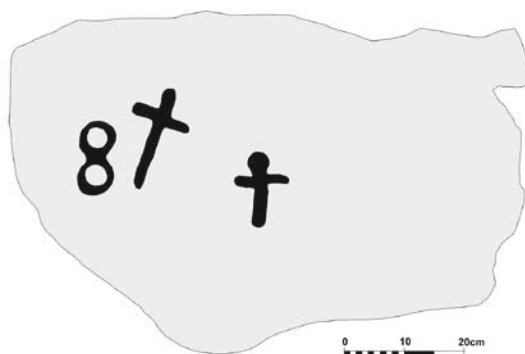


GRÁFICO 4. Registo e distribuição cronológica dos grafitos do tipo inscrição (data) identificados nos moinhos.

A



B



FIGURAS 44A e 44B. Fotografia e representação gráfica de um numeral associado a cruciformes tipo C1 identificado na parte superior do cubo do Moinho do Ribeiro (LSD25).

A

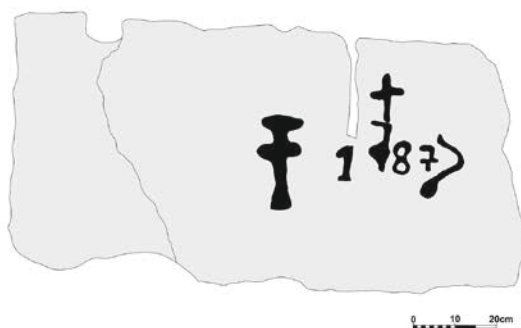


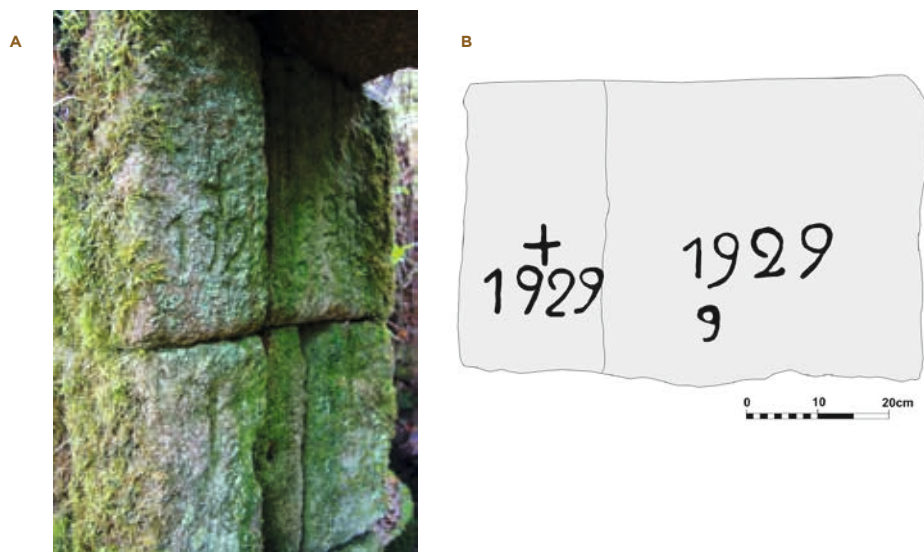
B



FIGURAS 45A e 45B. Fotografia e representação gráfica de uma inscrição (texto + data) associada a um cruciforme tipo C5 identificados no interior do Moinho de Romariz 2 (LSD132).

FIGURA 46. Representação gráfica da data mais antiga (1787) identificada em moinhos de água do concelho de Lousada (Moinho do Ribeiro, LSD25).





FIGURAS 47A e 47B. Fotografia e representação gráfica de datas, numerais e cruciforme tipo C1 identificados no umbral do Moinho da Cachadinha 1 (LSD79).

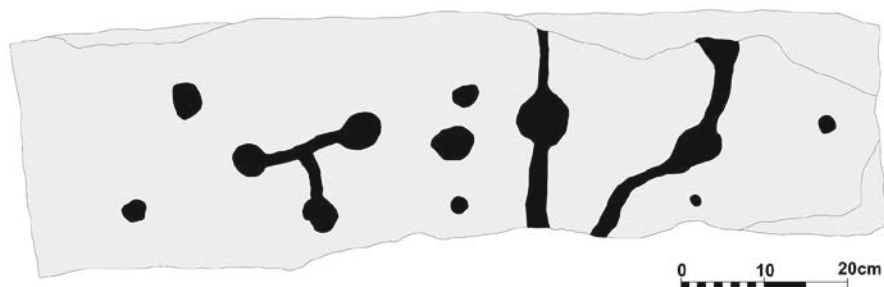


FIGURA 48. Representação gráfica de motivos esquemáticos (círculos) associados a motivos indeterminados, identificados no muro de delimitação do Moinho da Tapada (LSD33).



FIGURAS 49A e 49B. Fotografia e representação gráfica de motivos esquemáticos (círculos) associados a halteriformes e cruciformes identificados no pavimento exterior do Moinho da Devesa 1 (LSD36).

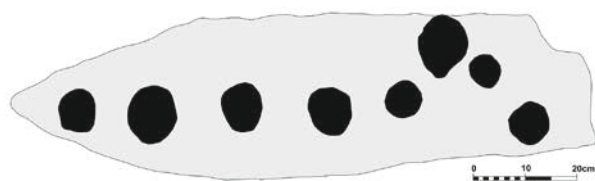


FIGURA 50. Representação gráfica de um silhar com covinhas, reaproveitado como soleira no Moinho do Reguengo (LSD62).

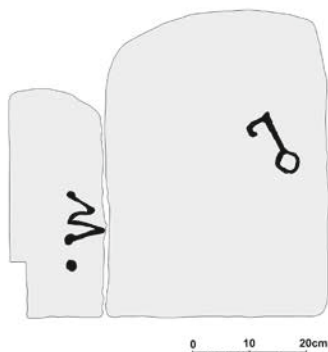


FIGURA 51. Representação gráfica da soleira do Moinho do Passal (LSD22), onde é perceptível um motivo esquemático (objeto) em forma de chave e uma sigla invertida.



FIGURA 52. Representação gráfica pormenorizada do silhar do umbral do Moinho do Paço (LSD31), onde foi gravada uma foice.

ção e ocupação/reocupação, tão comuns nestas estruturas moageiras (Nunes e Lemos, 2013b, pp. 125-126) e frequentemente vinculados por uma data memorativa. Relativamente às datas, o universo de moinhos estudados forneceu 16 registos, quatro dos quais num único edifício – o Moinho do Ribeiro (LSD25) –, e todas elas relativas ao século XVIII. Aliás, é neste moinho que encontramos a data mais antiga registada em moinhos do concelho de Lousada – 1787 –, embora o intervalo geral das datas arroladas no conjunto dos moinhos oscile entre o século XVIII e o século XX.

Quanto aos motivos esquemáticos, regista-se um predomínio dos elementos geométricos, nomeadamente círculos ($n = 45$; 11,76%), incluindo para-círculos e covinhas ($n = 8$; 2,09%). Os círculos são particularmente numerosos em algumas moagens, surgindo frequentemente combinados com outros motivos, mormente cruciformes, mas também halteriformes e linhas, como acontece no Moinho da Tapada (LSD33) e no Moinho da Devesa 1 (LSD36).

Relativamente às covinhas, apenas subsiste um registo, proveniente do Moinho do Reguengo (LSD62). Trata-se de um elemento pétreo reaproveitado e incorporado na base da soleira da porta, onde foram produzidas oito covinhas, desconhecendo-se quer a origem, quer a funcionalidade anterior desta rocha.

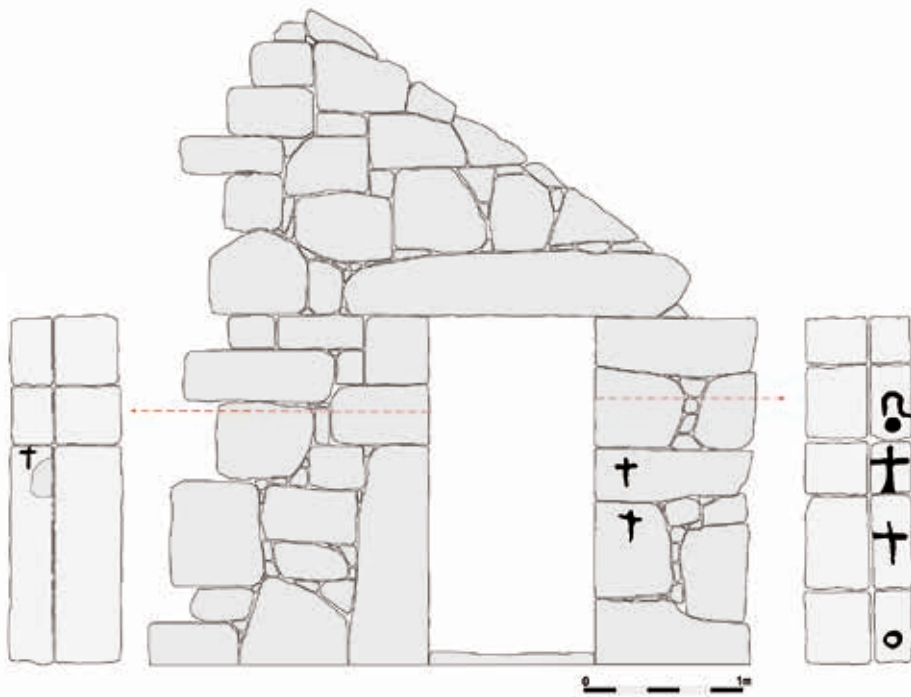
Finalmente, mas ainda no âmbito dos motivos esquemáticos, uma derradeira nota para as categorias com menor representatividade, como as dos objetos, dos halteriformes e das linhas, cujos efetivos totais não

ultrapassam os 3,39% ($n = 13$). Sendo difícil a interpretação destes elementos em contexto molinológico, porquanto múltiplas poderão ser as motivações que levaram à sua execução, não é de descuidar a sua relação com a tentativa de representação de atividades/elementos do quotidiano, como acontece com os grafitos tipo objeto identificados no Moinho do Passal (LSD22) e no Moinho do Paço (LSD31), respetivamente uma chave e uma foice.

A



B



FIGURAS 53A e 53B. Fotografia e representação gráfica do alçado do Moinho do Paço (LSD31), onde são perceptíveis diversos grafitos, incluindo um motivo esquemático (objeto) identificado com uma foice.

5. CONCLUSÃO

No decurso do Projeto *MUNHOS*, o inventário e a caracterização dos grafitos presentes nas moagens hidráulicas tradicionais do concelho de Lousada permitiram o arrolamento de 383 grafismos, identificados em 64 moinhos. O seu estudo logrou determinar seis categorias de motivos – cruciforme, inscrição, esquemático, fitomorfo, antropomorfo e indeterminado –, que, por sua vez, se subdividiram em 22 subcategorias, definindo uma sistematização tipológica assente em parâmetros de classificação que tiveram por base variações de carácter estético, técnico ou estrutural.

O quadro traçado a partir do estudo alargado dos grafitos molinológicos permitiu a percepção de uma realidade sociocultural, e até histórica, associada à vivência quotidiana dos moleiros e à sua relação cultural com as moagens que operavam, como acontece, por exemplo, no Moinho da Devesa 1 (LSD36), uma estrutura moageira pertencente a dois consortes e, por isso, com duas portas de acesso. O Moinho da Devesa 1, situado na veiga do rio Mezio, na margem direita do açude da Devesa, na freguesia de Nevogilde, constitui um caso de estudo singular no contexto das estruturas de moagem com grafitos do concelho de Lousada, não apenas pelo número de gravações presentes, mas também pela diversidade associada. Com efeito, foram registados 87 grafitos, todos eles produzidos por picotagem, com recurso a percutor metálico, 60 dos quais correspondendo a cruciformes de oito tipologias (C1 a C7 e C10), o que corresponde a 23,08% do total de cruciformes identificados durante o projeto ($n = 260$). Trata-se, sem dúvida, de um caso absolutamente excecional no contexto dos moinhos estudados, tanto pelo extraordinário número de motivos gravados como pela sua diversidade, já que, para além de oito subcategorias de cruciformes presentes, ostenta, igualmente, motivos do tipo inscrição ($n = 5$), esquemático ($n = 16$) e indeterminado ($n = 7$), subdivididos, por sua vez, em sete subcategorias.

De entre a diversidade de gravações, salienta-se, gravada na fachada oeste, a presença de uma data memorativa (1953), possivelmente associada a um processo de restauro do moinho, situação recorrente em muitas das estruturas inventariadas, e que, neste caso, se comprova pela reutilização de mós na estruturação dos postigos do moinho. Por outro lado, registam-se, em diversas partes do moinho (ombreiras e paredes exteriores), diversas inscrições (nomes e siglas) que sugerem uma continuada prática de gravações, possivelmente ao longo de várias gerações. Finalmente, uma derradeira nota para os grafitos que pontuam todo o lajeado exterior nascente, voltado ao rio e delimitador do açude. Trata-se de uma situação *sui generis*, que dá corpo a um conjunto notável de motivos cruciformes, esquemáticos e indeterminados, com orientações, tamanhos e frequências distintos, por vezes sobrepostos, sugerindo o hábito reiterado e contínuo de proceder à gravação de símbolos com o propósito de delimitar simbolicamente o espaço de acesso à porta nascente do moinho, voltada ao rio, conferindo-lhe uma forte carga figurativa (Nunes e Lemos, 2013a, pp. 1-4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[S.a.], 1705. *Auto de demarcação e divizaõ da freguezia de Meinedo ordenado pelo rei D. Pedro por Alvará de 19 de Maio de 1705*. Arquivo Distrital do Porto. Secção Notarial. Po-1. Prazos e Tombos. Livro n.º 1706, 1709, fl. 363v. Porto: Arquivo Distrital do Porto.

Abrantes, J. R., 1988. *Património etnográfico afectado pela barragem do Torrão: moinhos de água, engenhos de linho, pesqueiras, barcas de passagem*. Lisboa: Instituto Português de Património Cultural – Departamento de Etnologia.

Afonso, J. G. e Mota, G., 2013. No tempo dos moinhos. Notas para o conhecimento do património molinológico do Planalto Mirandês. In: Direção Regional de Cultura do Norte, coord. 2013. *Arquitecturas da água: entre o Côa, o Águeda e o Douro Internacional*. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte. pp. 72-111.

Araújo, J. F. P, Costa, M. A. e Brochado, R. M. L., 2005. Estruturas Hidráulicas de Paderne. *Boletim Cultural*, 4, pp. 155-170.

Araújo, M. B., 1997. *Superstições populares portuguesas*. Lisboa: Edições Colibri.

Botelho, J. D., 1997. As azenhas do rio Neiva. A Azenha do Minante. *Cadernos Vianenses*, 22, pp. 83-102.

Botelho, J. D., 2009. Moinhos e moleiros em Guerra Junqueiro, Camilo e Eça. *Molinologia Portuguesa*, 3.

Caninas, J., Henriques, F., Batista, A. e Monteiro, M., 2012. Casos de grafismos rupestres em calcários no centro de Portugal. In: M. J. Sanches, coord. 2012. *Trabalhos de Arqueologia 54 – I.ª Mesa Redonda. Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. pp. 313-327.

Chevalier, J. e Gheerbrant, A., 2010. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.

Fernandes, L., 2013. *Tabuleiros de Jogo Inscrito na Pedra – Um Roteiro Lúdico Português*. Lisboa: Apenas Livros.

Ferreira, A. C., 2007. Moinhos e Moleiros do concelho de Estarreja. *Terras de Antuã – História e Memórias do Concelho de Estarreja*, 1, pp. 63-94.

Feuillet, M., 2005. *Léxico dos símbolos cristãos*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Fonte, B. (1985). Rezas, Crendices e Medicina Popular em Terras de Barroso. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXV, fasc. I, pp. 95-119.

Gonçalves, I. M. L., 2009. *Moinhos de Cabeceiras de Basto: apontamentos de conservação*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto.

Guita, R., 1999. *Engenhos hidráulicos tradicionais*. Mértola: Instituto de Conservação da Natureza – Parque Natural do Vale do Guadiana.

Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), 2012a. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 98, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), 2012b. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 99, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), 2012c. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 111, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), 2012d. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 112, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Jacob, H., 2003. *6000 anos de pão*. Lisboa: Antígona.

Machado, C. A. D., 2007. *Moinhos de Cernache*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.

Magalhães, A., 2002. Moinhos e pão de Ul, valioso património a preservar. *Patrimónios*, 2, pp. 35-48.

Martins, J. A. R. e Martins, L. F. R., 2008. Identificação de aspectos particulares dos moinhos do concelho de Mafra. *Câmara Municipal de Mafra: Boletim Cultural*, pp. 193-228.

Marucchi, O., Cabrol, F. e Thurston, H., 1913. Cross and Crucifix. In: *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 4. Nova Iorque: The Encyclopedia Press. pp. 517-539.

Monteiro, P. C. F, 2001. *Legados de Sever do Vouga: Moinhos de Água*. Sever do Vouga: Câmara Municipal de Sever do Vouga/Arqueohoje.

Morango, H., 2013. Moinhos e Moleiros. In: Direção Regional de Cultura do Norte, coord. 2013. *Arquitecturas da água: entre o Côa, o Águeda e o Douro Internacional*. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte.

Nunes, M. e Lemos, P., 2013a. Estudo de grafitos em moinhos de água no concelho de Lousada: o caso do *Moinho da Devesa 1* (Nevogilde). *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de Arqueologia)*, 108, pp. 1-4.

Nunes, M. e Lemos, P., 2013b. Projeto *MUNHOS*: inventário das moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio no concelho de Lousada. *OPPIDUM – Revista de Arqueologia, História e Património*, 6, pp. 105-165.

Nunes, M. e Lemos, P., 2013c. Projeto *MUNHOS* na freguesia de Lustosa: os moinhos de rio de Porto, ribeiro do Barroco e ribeiro da Agrela. *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de Arqueologia)*, 112, pp. 1-4.

Nunes, M. e Lemos, P., 2013d. *Lustosa: património e identidade*. Lustosa (Lousada): Junta de Freguesia de Lustosa.

Nunes, M. e Lemos, P., 2014a. Estudo dos grafitos nas moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio (Lousada): métodos, procedimentos e resultados. *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de Arqueologia)*, 116, pp. 1-4.

Nunes, M. e Lemos, P., 2014b. Projeto *MUNHOS*: moagens tradicionais no rio de Porto e ribeiros do Barroco e da Agrela (Lustosa – Lousada). *OPPIDUM – Revista de Arqueologia, História e Património*, 7, pp. 129-166.

Nunes, M. e Lemos, P., 2015. Projeto *MUNHOS*: moagens tradicionais na ribeira de Sá e ribeiros das Cruzes e da Bufareira (Santo Estêvão de Barrosas, Lousada). *OPPIDUM – Revista de Arqueologia, História e Património*, 8, pp. 137-172.

Nunes, M. e Lemos, P., 2016. Projeto *MUNHOS*: síntese dos resultados finais do inventário das moagens hidráulicas tradicionais do concelho de Lousada. *OPPIDUM – Revista de Arqueologia, História e Património*, 9, pp. 241-286.

Oliveira, E. V., Galhano, F. e Pereira, B., 1983. *Tecnologia Tradicional Portuguesa: Sistemas de Moagem*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Silva, E. M. e Silva, M. A., 1987. Moinhos do rio Sousa no concelho de Paredes. *Separata da Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense*, pp. 341-355.

Simões, J. M., 1977. An Experimental Survey Card for the Index of Portuguese Windmills and Watermills. In: S. Louro e H. Major, ed., 1977. *Transactions of the 1. International Symposium on Molinology, Portugal, September 1965*. [S.l.]: Danske Møllers Venner, Lyngby. pp.143-152.

Soeiro, T., 2006. *O ocaso das moagens do rio Sousa no município de Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.

Viegas, J. C., Miranda, J. A. e Lucas, O., 2000. *Levantamento dos Moinhos de Boticas*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas.

Vilar, M. C., 2008. Azenhas da Ribeira de Cheleiros. *Câmara Municipal de Mafra: Boletim Cultural*, pp. 229-249.

CATÁLOGO DOS GRAFITOS MOLINOLÓGICOS

O catálogo dos grafitos arrolados no decurso do Projeto *MUNHOS* congrega os 383 grafitos identificados nos 64 moinhos de água que evidenciaram a presença de insculpturas. O catálogo foi estruturado em fichas tipificadas, organizadas por unidade moageira, identificadas de acordo com o seu nome e código alfanumérico de inventário.

Para uma correta perceção do contexto dos grafitos estudados optou-se por incluir, em cada ficha, os elementos basilares de localização (lugar, freguesia, coordenadas, curso de água) e de caracterização física da moagem (material de construção, número de mós e estado de conservação), bem como o número de grafitos identificados, a sua localização na estrutura e o suporte material utilizado para a sua produção.

Finalmente, a ficha inclui as diferentes tipologias de grafitos identificadas, de acordo com o inventário geral (Tabela 2), bem como a representação gráfica de cada um dos grafitos. A representação gráfica encontra-se organizada de acordo com as nomenclaturas definidas para as tipologias (cruciforme; inscrição; esquemático, fitomorfo; antropomorfo; indeterminado) e subtipologias (cruciforme = C1 a C12; inscrição = data; número; sigla; texto; texto + data; esquemático = círculo; covinha; linha; halteriforme; objeto).

Sempre que se revelou necessário, optou-se pela utilização de abreviaturas na designação das tipologias e/ou subtipologias: Data = Dat.; Número = Núm.; Sigla = Sig.; Texto = Tex.; Texto + Data = Tex. + Dat.; Círculo = Círc.; Covinha = Cov.; Linha = Lin.; Halteriforme = Halt.; Objeto = Obj.; Fitomorfo = Fito.; Antropomorfo = Antro.; Indeterminado = Ind.



MOINHO DA AZENHA | LSD3

LUGAR: Azenha

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'02.6" / 08°18'46.4"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C2 = 1

C2



MOINHO DA PRESA | LSD4

LUGAR: Presa

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°18'58.7" / 08°18'50.2"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C4 = 1

C4



MOINHO DE SANTA ÁGUEDA 4 | LSD11

LUGAR: Santa Águeda

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°18'36.3" / 08°18'47.7"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e xisto

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e padieira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1; inscrição: data = 1



C1

DATA

+ 1897

MOINHO DA PIEDADE | LSD20

LUGAR: Piedade

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°18'10.8" / 08°18'36.2"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C2 = 1, C5 = 1; inscrição: data = 1



C2

C5

DATA

+ 1804

MOINHO DO PASSAL | LSD22

LUGAR: Loja

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°17'53.3" / 08°18'35.6"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 7

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e soleira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2, C4 = 1, C5 = 1; inscrição: sigla = 1; esquemático: círculo = 1; objeto = 1



MOINHO DE EIRA VEDRA | LSD23

LUGAR: Eira Vedra

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°17'50.6" / 08°18'36.8"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e xisto

N.º DE MÓS: 1

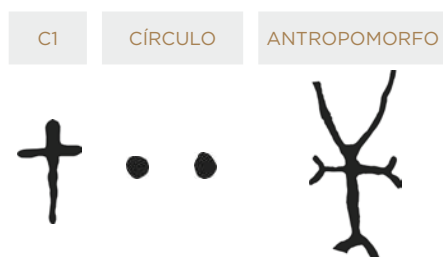
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e padieira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1; esquemático: círculo = 2; antropomorfo = 1



MOINHO DO RIBEIRO | LSD25

LUGAR: Ribeiro
FREGUESIA: Sousela
COORDENADAS: 41°17'25.0" / 08°18'25.4"
CURSO DE ÁGUA: rio Mezio
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e blocos de cimento
N.º DE MÓS: 1
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom
N.º DE GRAFITOS: 28
LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: mó, parede interior, parede exterior, cubo, telhado e levada
SUPORTE: granito e cimento
TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 12, C2 = 1, C3 = 3, C4 = 1, C5 = 1, C10 = 1, C11 = 1; inscrição: data = 4; número = 2; fitomorfo = 1; indeterminado = 1



C1					C2
C3	C4	C5	C10	C11	DATA
DATA		NÚMERO		FITOMORFO	IND.



MOINHO D'ALÉM | LSD26

LUGAR: Além

FREGUESIA: Ordem

COORDENADAS: 41°17'17.8" / 08°18'23.4"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C4 = 2



C4



MOINHO DE CORTINHAS | LSD27

LUGAR: Cortinhas

FREGUESIA: Ordem

COORDENADAS: 41°17'07.2" / 08°18'28.1"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 5

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e soleira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2; esquemático: círculo = 3



C1

CÍRCULO



MOINHO DO PAÇO | LSD31

LUGAR: Paço

FREGUESIA: Casais

COORDENADAS: 41°16'23.6" / 08°18'24.1"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 8

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4, C3= 1; esquemático: círculo = 2, objeto = 1



C1

C3

CÍRCULO

OBJETO



MOINHO DO BAIRRO | LSD32

LUGAR: Bairro

FREGUESIA: Casais

COORDENADAS: 41°16'23.9" / 08°18'23.1"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 19

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral, parede exterior, parede interior, mó e piso exterior

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 7, C3= 1, C4 = 1, C6 = 3, C7 = 1, C9 = 1, C10 = 1; inscrição: sigla = 2; esquemático: círculo = 1; indeterminado = 1



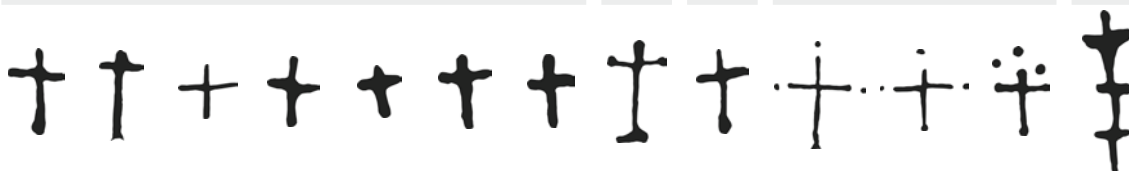
C1

C3

C4

C6

C7



C9

C10

SIGLA

CÍRC.

IND,



MOINHO DA TAPADA | LSD33

LUGAR: Tapada

FREGUESIA: Casais

COORDENADAS: 41°15'47.3" / 08°18'23.4"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 31

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral, soleira e muro de delimitação

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 6, C5 = 4; inscrição: sigla = 1; esquemático: círculo = 12, halteriforme = 1; indeterminado = 7



MOINHO DA PONTE 1 | LSD34

LUGAR: Lagoas

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'16.5" / 08°18'46.7"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1, C8 = 2



C1

C8



MOINHO DA PONTE 2 | LSD35

LUGAR: Lagoas

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'16.3" / 08°18'45.7"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e parede exterior

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1, C6 = 1



C1

C6



MOINHO DA DEVESA 1 | LSD36

LUGAR: Devesa

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'03.6" / 08°18'40.2"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 87

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral, soleira, parede exterior, parede interior e piso exterior

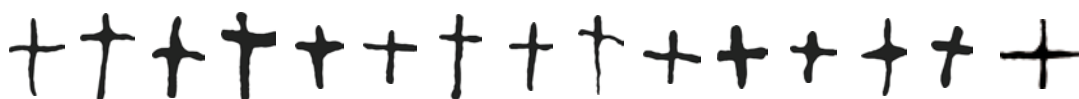
SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 28, C2 = 7, C3 = 7, C4 = 9, C5 = 3, C6 = 1, C7 = 4, C10 = 1;

inscrição: data = 1, sigla = 3, texto = 1; esquemático: círculo = 11, linha = 3, halteriforme = 2; indeterminado = 6



C1



C1



C2

C3



C4				C5	C6	C7
+ † † † † † † † † † † † † †						
C7	C10	DATA	SIGLA		TEXTO	
† † † †		1953	IA A.E TA		ANTIA	
CÍRCULO				LINHA	HALTERIFORME	
• • • • • • • • • •					† †	
INDETERMINADO						
o v o p \ 2						



MOINHO DA DEVESA 2 | LSD37

LUGAR: Devesa

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'05.0" / 08°18'40.6"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e blocos de cimento

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2

C1



MOINHO DAS POLDRAS 1 | LSD38

LUGAR: Poldras

FREGUESIA: Torno

COORDENADAS: 41°17'42.7" / 08°13'15.5"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: inscrição: data = 1

DATA

1947



MOINHO DAS POLDRAS 2 | LSD39

LUGAR: Poldras

FREGUESIA: Torno

COORDENADAS: 41°17'42.8" / 08°13'15.4"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: inscrição: data = 2



DATA

1948 1948

MOINHO DE RIBÓS | LSD44

LUGAR: Ribós

FREGUESIA: Vilar do Torno e Alentém

COORDENADAS: 41°17'13.0" / 08°13'58.4"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 4

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: mó

SUORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1



C1



MOINHO DO PENÃO | LSD45

LUGAR: Penão

FREGUESIA: Vilar do Torno e Alentém

COORDENADAS: 41°16'56.7" / 08°13'57.0"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 3

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DA QUINTA DA AZENHA | LSD46

LUGAR: Quinta da Azenha

FREGUESIA: Vilar do Torno e Alentém

COORDENADAS: 41°16'44.8" / 08°14'11.3"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 4

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: mó

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DE BARRIMAU | LSD47

LUGAR: Barrimau

FREGUESIA: Aveleda

COORDENADAS: 41°16'33.5" / 08°14'17.8"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 3

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DO MEIO | LSD52

LUGAR: Pias

FREGUESIA: Pias

COORDENADAS: 41°16'08.3" / 08°15'18.3"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 3

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: padieira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: inscrição: texto = 1

TEXTO

MOINHO
DO MEIO



MOINHO DO MANETA | LSD54

LUGAR: Pias

FREGUESIA: Pias

COORDENADAS: 41°16'05.6" / 08°15'21.6"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 4

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DE CASAIS 1 | LSD60

LUGAR: Casais

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'04.2" / 08°15'44.9"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 3

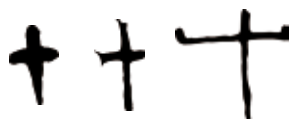
LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2, C2 = 1

C1

C2



MOINHO DE CASAIS 2 | LSD61

LUGAR: Casais

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'04.2" / 08°15'43.3"

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 6

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

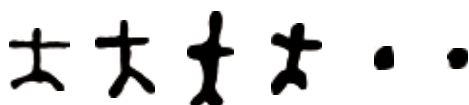
SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C3 = 4; esquemático: círculo = 2



C3

CÍRCULO



MOINHO DO REGUENGO | LSD62

LUGAR: Reguengo

FREGUESIA: Meinedo

Coordenadas: 41°15'51.1" / 08°16'04.7

CURSO DE ÁGUA: rio Sousa

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 3

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 8

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: soleira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: esquemático: covinha = 8



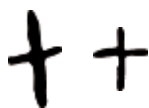
COVINHA



MOINHO DE ESPINDO 2 | LSD64

LUGAR: Espindo
 FREGUESIA: Meinedo
 COORDENADAS: 41°14'40.3" / 08°16'22.5"
 CURSO DE ÁGUA: rio Sousa
 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito
 N.º DE MÓS: 4
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom
 N.º DE GRAFITOS: 2
 LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e peitoril
 SUPORTE: granito
 TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2

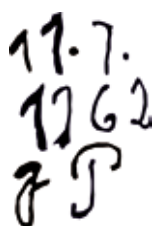
C1



MOINHO DA GANDRA | LSD71

LUGAR: Gandra
 FREGUESIA: Lustosa
 COORDENADAS: 41°20'25.3" / 08°17'55.6"
 CURSO DE ÁGUA: rio de Porto
 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana
 N.º DE MÓS: 1
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular
 N.º DE GRAFITOS: 1
 LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: telhado
 SUPORTE: cimento
 TIPOLOGIA DE GRAFITOS: inscrição: texto + data = 1

TEXTO + DATA



MOINHO DE CANIÇOS | LSD75

LUGAR: Caniços

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'52.1" / 08°17'51.6"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e blocos de cimento

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C3 = 1



C3



MOINHO DE TALHOS | LSD76

LUGAR: Caniços

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'48.1" / 08°17'52.3"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e padieira

SUPORTE: granito

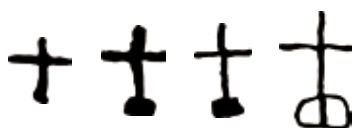
TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C3 = 1, C5 = 2, C8 = 1



C3

C5

C8



MOINHO DE CIMA | LSD77

LUGAR: Rio de Porto

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'44.1" / 08°17'49.6"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

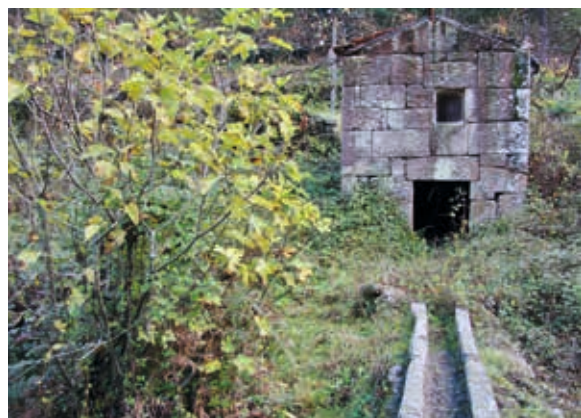
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: parede exterior

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C2 = 1, C4 = 1; inscrição: sigla = 1



C2

C4

SIGLA



MOINHO DE RIO DE PORTO | LSD78

LUGAR: Rio de Porto

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'44.3" / 08°17'50.1"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e padieira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 3; inscrição: sigla = 1



C1

SIGLA



MOINHO DA CACHADINHA 1 | LSD79

LUGAR: Cachadinha

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'33.3" / 08°17'44.9"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 8

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e cubo

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 3, C5 = 1, C6 = 1; inscrição: data = 2, número = 1



C1	C5	C6	DATA	NÚM.
----	----	----	------	------

+ + + ± ¡ 1929 1929 9

MOINHO DA CHÃ | LSD86

LUGAR: Chã de Baixo

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°19'04.9" / 08°17'19.5"

CURSO DE ÁGUA: rio de Porto

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 7

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e mó

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4, C5 = 1; inscrição: sigla = 2



C1	C5	SIGLA
----	----	-------

+ + + + ± ∞ ∞ ∞

MOINHO DA CASA DA AZENHA | LSD87

LUGAR: Azenha

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°20'34.9" / 08°18'49.0"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Barroco

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

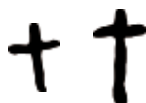
LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e mó

SUORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2



C1

**MOINHO DA LAJE | LSD90**

LUGAR: Laje

FREGUESIA: Lustosa

COORDENADAS: 41°20'50.5" / 08°18'32.6"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Barroco

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: mó

SUORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1



C1



MOINHO DE VALTEIRO | LSD93

LUGAR: Valteiro

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°17'41.9" / 08°18'32.5"

CURSO DE ÁGUA: rio Mezio

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1



C1



MOINHO DA CASA DE CIMO DE VILA | LSD95

LUGAR: Cimo de Vila

FREGUESIA: Sousela

COORDENADAS: 41°18'09.5" / 08°19'17.2"

CURSO DE ÁGUA: águas particulares

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: porta

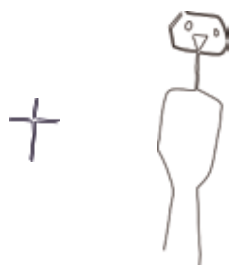
SUPORTE: madeira

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1; antropomorfo = 1



C1

ANTROPOMORFO



MOINHO DE VENTOSELAS 1 | LSD101

LUGAR: Sá

FREGUESIA: Santo Estêvão de Barrosas

COORDENADAS: 41°20'17.5" / 08°17'09.7"

CURSO DE ÁGUA: ribeira de Sá

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito, xisto e corneana

N.º DE MÓS: 1

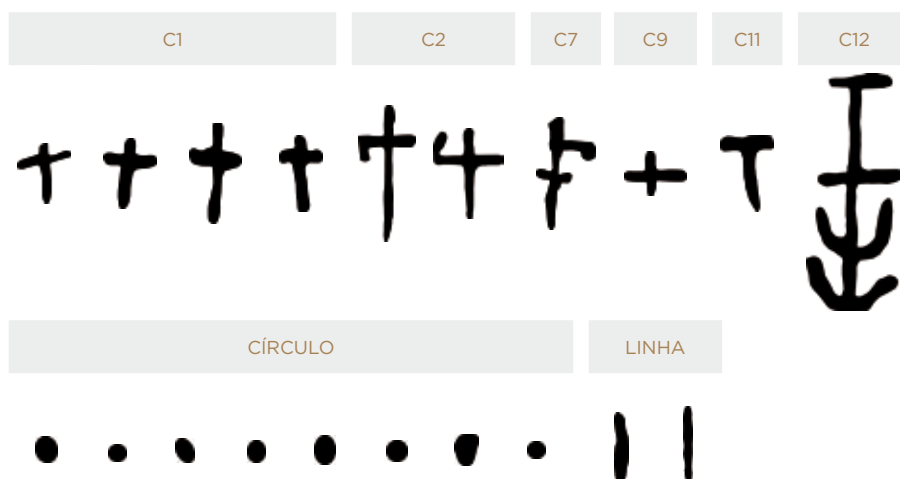
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 20

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4, C2 = 2, C7 = 1, C9 = 1, C11 = 1, C12 = 1; esquemático: círculo = 8, linha = 2



MOINHO DE LEDESMA | LSD103

LUGAR: Ledesma

FREGUESIA: Santo Estêvão de Barrosas

COORDENADAS: 41°20'06.1" / 08°16'51.2"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro da Bufareira

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 7

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 5, C2 = 1, C4 = 1



MOINHO DO BARROCO 1 | LSD113

LUGAR: Barroco

FREGUESIA: Santo Estêvão de Barrosas

COORDENADAS: 41°20'00.9" / 08°17'09.9"

CURSO DE ÁGUA: ribeira de Sá

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2; antropomorfo = 1



MOINHO DO CARVALHO | LSD114

LUGAR: Carvalho

FREGUESIA: Santo Estêvão de Barrosas

COORDENADAS: 41°20'24.4" / 08°17'10.3"

CURSO DE ÁGUA: ribeira de Sá

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 2

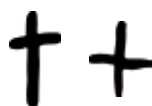
LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: corneana

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2



C1

**MOINHO DO CASAL 2 | LSD123**

LUGAR: Pontarrinhas

FREGUESIA: Pias

COORDENADAS: 41°16'35.6" / 08°16'00.9"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Pontarrinhas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: padieira

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1; inscrição: data = 1



C1

DATA



MOINHO DA QUINTA DE VILA NOVA | LSD129

LUGAR: Redôlho

FREGUESIA: Pias

COORDENADAS: 41°15'59.6" / 08°16'00.8"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Pontarrinhas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1



C1



MOINHO DE ROMARIZ 2 | LSD132

LUGAR: Romariz

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'41.4" / 08°15'41.1"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Pontarrinhas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e parede interior

SUPORTE: granito

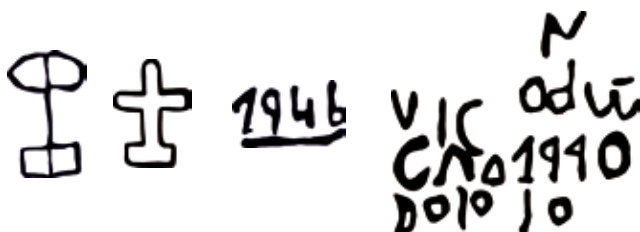
TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C5 = 2; inscrição: data = 1, texto + data = 1



C5

DATA

TEXTO + DATA



MOINHO DE PONTARRINHAS 5 | LSD133

LUGAR: Romariz

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'55.3" / 08°15'53.4"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Pontarrinhas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: regular

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2, C4 = 1



C1

C4

**MOINHO DO LIMOEIRO 3 | LSD144**

LUGAR: Limoeiro

FREGUESIA: Silvares

COORDENADAS: 41°17'42.8" / 08°17'18.0"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Fontão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 5

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e padieira

SUPORTE: granito e corneana

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4, C3 = 1



C1

C3



MOINHO DA RIBEIRA | LSD152

LUGAR: Servecia

FREGUESIA: Ordem

COORDENADAS: 41°16'39.0" / 08°18'13.7"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Fontão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1, C3 = 1, C4 = 1, C5 = 1



MOINHO DA CASA DE PORTO 1 | LSD167

LUGAR: Casa de Porto

FREGUESIA: Santa Margarida (Lousada)

COORDENADAS: 41°18'08.6" / 08°15'06.0"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 2

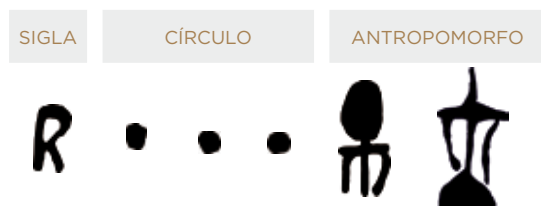
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 18

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 8, C2 = 1, C3 = 1, C7 = 2; inscrição: sigla = 1; esquemático: círculo = 3; antropomorfo = 2



MOINHO DA MAGANTINHA | LSD170

LUGAR: Magantinha

FREGUESIA: São Miguel (Lousada)

COORDENADAS: 41°17'55.9" / 08°14'58.1"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 15

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e parede exterior

SUPORTE: granito

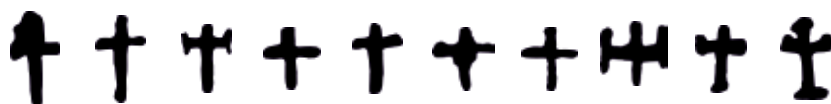
TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 8, C3 = 1, C5 = 1, C9 = 1, C10 = 1; esquemático: linha = 3



C1

C3

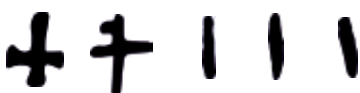
C5



C9

C10

LINHA

**MOINHO DO CAMPO 1 | LSD171**

LUGAR: Outeiro

FREGUESIA: Macieira

COORDENADAS: 41°17'22.9" / 08°14'09.1"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 3

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e soleira

SUPORTE: corneana e cimento

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2; inscrição: data = 1



C1

DATA



MOINHO DO FALCÃO 1 | LSD173

LUGAR: Moinhos

FREGUESIA: Figueiras

COORDENADAS: 41°16'54.3" / 08°18'58.5"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Falcão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

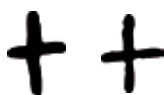
N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2

C1



MOINHO DO FALCÃO 2 | LSD174

LUGAR: Moinhos

FREGUESIA: Figueiras

COORDENADAS: 41°16'57.6" / 08°18'55.5"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro do Falcão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2, C3 = 1, C4 = 1

C1

C3

C4



MOINHO DA QUINTA DE SÃO JOSÉ 2 | LSD181

LUGAR: Casas Novas

FREGUESIA: São Miguel (Lousada)

COORDENADAS: 41°18'28.0" / 08°15'06.2"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e xisto

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DE SÃO MIGUEL 4 | LSD191

LUGAR: Ponte

FREGUESIA: São Miguel (Lousada)

COORDENADAS: 41°18'34.9" / 08°15'10.2"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1

C1



MOINHO DE SÃO MIGUEL 5 | LSD192

LUGAR: Ponte

FREGUESIA: São Miguel (Lousada)

COORDENADAS: 41°18'34.5" / 08°15'10.3"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Barrosas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUORTE: corneana

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1, C9 = 1



C1

C9



MOINHO DA CASA D'AFREITA 1 | LSD196

LUGAR: Carreiro

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'48.9" / 08°19'09.5"

CURSO DE ÁGUA: águas particulares

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 6

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral e parede exterior

SUORTE: granito

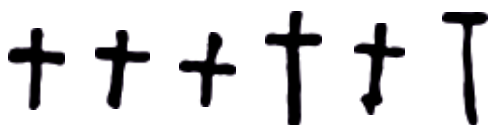
TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4, C4 = 1, C11 = 1



C1

C4

C11



MOINHO DA CASA D'AFREITA 2 | LSD197

LUGAR: Carreiro

FREGUESIA: Nevogilde

COORDENADAS: 41°15'49.3" / 08°19'10.3"

CURSO DE ÁGUA: águas particulares

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral, parede exterior e mó

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 2, C2 = 1; inscrição: sigla = 1



C1

C2

SIGLA

**MOINHO DE CALES 3 | LSD202**

LUGAR: Cales

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'20.1" / 08°15'13.2"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Caíde

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 1



C1



MOINHO DE VAGENS 1 | LSD203

LUGAR: Vagens

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°15'14.8" / 08°14'58.2"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Caíde

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C3 = 1



C3



MOINHO DE ESTORÕES 1 | LSD221

LUGAR: Estorões

FREGUESIA: Meinedo

COORDENADAS: 41°14'42.6" / 08°14'14.7"

CURSO DE ÁGUA: ribeiro de Sub-Ribas

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 2

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

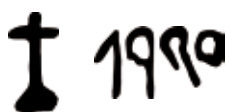
SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C3 = 1; inscrição: data = 1



C3

DATA



MOINHO DA QUINTA DA VEIGA | LSD229

LUGAR: Quinta da Veiga

FREGUESIA: Torno

COORDENADAS: 41°17'53.4" / 08°12'55.2"

CURSO DE ÁGUA: rio de Moinhos

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito e corneana

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 1

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: parede interior

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C12 = 1



C12

**MOINHO DA QUINTA DE SOUSA | LSD230**

LUGAR: Ponte da Aldeia

FREGUESIA: Torno

COORDENADAS: 41°17'51.6" / 08°12'47.9"

CURSO DE ÁGUA: rio de Moinhos

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: granito

N.º DE MÓS: 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom

N.º DE GRAFITOS: 4

LOCALIZAÇÃO DOS GRAFITOS: umbral

SUPORTE: granito

TIPOLOGIA DE GRAFITOS: cruciforme: C1 = 4



C1



